

Sobre
joyas
& trajes

J. PARNELL McCARTER





Os autores e publicadores assumem quaisquer responsabilidades e direitos quanto às obras por eles divulgadas. Mas permitem qualquer tipo de divulgação, com ou sem autorização. A verdade não é propriedade de homem algum, e, portanto, não deve ter a sua circulação restringida.

“De graça recebestes, de graça dai”.

Mateus 10.8



Título:

Sobre Joias e Trajes
1ª Edição - Junho de 2020

Autor:

J. Parnell McCarter

Título original:

ON JEWELRY AND ATTIRE : "PUT OFF THY
ORNAMENTS FROM THEE"
- 2004 -

ÍNDICE

UMA BREVE AUTO BIOGRAFIA.....	5
I. SOBRE JOIAS E TRAJES.....	9
II. SOBRE JOIAS E TRAJES AO LONGO DA HISTÓRIA	45

UMA BREVE AUTOBIOGRAFIA

Nasci em 1963, em Dallas, Texas, em uma família pertencente à Igreja Batista do Sul. Nossa igreja local, em particular, era de moderada a liberal e não nos forneceu boa nutrição doutrinária e espiritual em algum nível satisfatório. Embora eu fosse mais jovem, estava muito interessado no estudo das escrituras. Minha avó e minha tia-avó liam a Bíblia comigo e minha mãe se certificou de que eu fosse à igreja todos os domingos.

Durante meus anos no ensino fundamental, eu me afastei da fé cristã. Eu abracei a teoria da evolução de Darwin, que percebi ser contrária ao relato da criação das Escrituras. A partir deste momento, duvidei da veracidade de grande parte das Escrituras e me tornei um agnóstico. Meus anos de ensino médio foram marcados por conquistas mundanas (capitão da equipe de corrida de longa distância e membro da equipe de questionários acadêmicos da minha escola, vencedor do Mérito Nacional Escolar, orador da Escola Secundária de *Highland Park* e admissão na Universidade de Princeton), mas realmente nenhuma conquista ou melhoria espiritual. Eu era cético em relação à maioria das formas de cristianismo que havia encontrado e permaneci agnóstico.

Foi no meu primeiro ano na Universidade de Princeton que comecei a reexaminar o cristianismo. Entrei em contato com alguns cristãos muito sérios e atenciosos no *campus* da

Fraternidade Evangélica de Princeton. O Senhor mudou minha mente e coração e eu abracei Jesus Cristo como meu Senhor e Salvador. Naquele grupo, passei a entender muitas das doutrinas fundamentais da fé, tornando-me presidente da fraternidade no *campus*. Também estavam ali alguns batistas reformados que me desafiaram a considerar questões como as doutrinas da graça, o princípio regulador do culto e o *Sabbath* Cristão. Embora inicialmente eu me opusesse, com o tempo comecei a admitir que essas doutrinas fossem consistentes com as escrituras.

Como resultado, após me formar em 1986 pela Universidade de Princeton (me formei *cum laude* com especialização em Filosofia), entrei para uma igreja batista reformada no norte de Nova Jersey. Lá conheci e casei com Charlotte Tejada, minha melhor metade. Charlotte seguiu um caminho paralelo ao meu em muitos aspectos, mas a meio mundo de distância. Charlotte rejeitou o cristianismo em sua juventude e adotou a evolução darwiniana como uma agnóstica. Ela foi oradora em sua turma de ensino médio em Manila, nas Filipinas; e depois cursou o bacharelado em enfermagem na Universidade das Filipinas. Enquanto estava lá, ela foi apresentada à fé cristã evangélica por um ministério cristão de seu *campus*. Mais tarde, ela se tornou batista reformada, deixando o dispensacionalismo, enquanto estudava a palavra de Deus mais completamente. Então, quando ela se mudou para os Estados Unidos para trabalhar como enfermeira, ingressou em uma igreja Batista Reformada naquele local – a qual eu “coincidentalmente” comecei a frequentar um mês após sua chegada. Charlotte realmente queria ser professora, embora a praticidade e os desejos de seus pais a tivessem levado à profissão de enfermagem. Suponho que você diria que eu realizei seus sonhos,

após ela ter se recuperado do choque, quando soube que eu queria que ela educasse em casa nossos filhos, se o Senhor nos abençoasse com eles no futuro.

Neste mesmo tempo, obtive meu MBA em contabilidade pela Universidade de *Rutgers* (graduando-me *summa cum laude*), tornei-me um Contador Público Certificado (CPA) e trabalhei na empresa de contabilidade *Ernst & Young*. Quando nosso primeiro filho estava a caminho, decidimos nos estabelecer por longo período na “capital do cristianismo reformado”, *Grand Rapids, Michigan*. Entrei para uma empresa de CPA em *Grand Rapids*. E fomos abençoados com dois filhos, D. Parnell e Calvin.

Permanecemos batistas reformados por vários anos em *Grand Rapids*, mas, com o tempo, me encontrei com uma crescente convicção de que a visão presbiteriana e reformada do batismo, bem como de outras questões, estava correta. Desde então, tive o privilégio de conhecer mais plenamente os Padrões de *Westminster* e as Três Formas de Unidade. Eu aderi às versões originais de cada um desses padrões e acredito que eles resumem excelentemente as principais doutrinas ensinadas nas escrituras. Atualmente, somos membros da *Free Presbyterian Church of Scotland* [Igreja Presbiteriana Livre da Escócia].

- J. Parnell McCarter

I

SOBRE JOIAS E TRAJES:

“tira os teus atavios” [Ex 33.5]

Esse é um princípio primordial de interpretação bíblica: que as passagens mais claras e explícitas das Escrituras a respeito de uma doutrina devem ser o nosso guia na interpretação daquelas que são menos fáceis de discernir a sua implicação. Assim como a Confissão de Fé de Westminster aponta:

“A regra infalível de interpretação da Escritura é a própria Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente”.

Indiscutivelmente, as passagens mais explícitas nas escrituras sobre “etiqueta” são 1 Timóteo 2.8-10 e 1 Pedro 3.3. Há muitas outras passagens na Escritura em que joias e trajes são mencionados, porém, um mandamento explícito e claro no que tange ao que os cristãos devem realmente usar não é oferecido em muitas dessas outras passagens da mesma forma que nestes dois trechos.

Antes de considerar 1 Timóteo 2.8-10 e 1 Pedro 3.3, deve-se notar, primeiro, que joias e trajes pomposos são sinais de riqueza e luxo na Escritura. Por exemplo, em Tiago 2.2 e 3, lemos:

“Porque, se no vosso ajuntamento entrar algum homem com anel de ouro no dedo, com trajes

preciosos, e entrar também algum pobre com sordido traje, E atentardes para o que traz o traje precioso, e lhe disserdes: Assenta-te tu aqui num lugar de honra, e disserdes ao pobre: Tu, fica aí em pé, ou assenta-te abaixo do meu estrado (...)”.

Deve-se, também, notar que a riqueza, em si, não é proibida pela Escritura. Por exemplo, 1 Coríntios 1.26 sugere que homens ricos são chamados e eleitos, mesmo que não muitos:

“Porque, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados”.

Todavia, dentre outros fatores, devido ao orgulho, é mais difícil para o rico ser salvo; ainda assim, algumas pessoas ricas são salvas e cristãs piedosas. Mas não confundamos a questão da riqueza com a questão do traje.

Dito isso, é importante, agora, considerar as próprias passagens. Em 1 Timóteo 2.8-10, lê-se:

“Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda. Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos, Mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras.”

Contido nessas passagens está o mandamento para que as mulheres “se ataviem em traje honesto”. O traje, portanto, deve ser caracterizado por pudor e sobriedade. Pudor significa “sentimento de vergonha ou honra, modéstia, reserva, reverência, consideração por outros, respeito.” Mas por que o pudor seria especialmente exigido no vestuário?

Em primeiro lugar, as pessoas costumam esquecer o propósito primário do vestuário: mostrar a devida vergonha pelos seus pecados diante de um Deus Santo e Justo. O vestuário é mencionado pela primeira vez em Gênesis 3.7: “*Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; pelo que coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais*”. Matthew Henry, ao comentar sobre a vergonha do pecado deles, afirmou:

“O texto nos conta *que eles viram que estavam nus*, isto é, (1) que estavam despidos, privados de toda a honra e alegria de seu estado anterior no paraíso e expostos a toda miséria que se pode justamente esperar de um Deus irado. Eles estavam desarmados, a defesa deles, retirada. (2) Que eles estavam envergonhados – para sempre envergonhados – diante de Deus e dos anjos. Eles se viram despidos de todos os seus ornamentos e símbolos de honra, reduzidos de sua dignidade e desgraçados em um grau mais elevado, abertos ao desprezo e reprovação do céu, da terra e de suas próprias consciências.”

Os comentaristas da Bíblia de Genebra escreveram o seguinte a respeito de Gênesis 3.7: “*Eles começaram a sentir sua própria miséria, porém, não buscaram em Deus por remédio.*”

Calvino, a respeito da mesma passagem, comenta:

“Em suma, o conhecimento frio e fraco do pecado, que é inerente à mente dos homens, é aqui descrito por Moisés a fim de que eles possam ser tomados como inescusáveis. Portanto (como já dissemos), Adão e sua esposa, uma vez que tentaram esconder-se da presença de Deus com uma cobertura tão curta, ainda estavam ignorantes de sua própria vileza.”

Dessa forma, a primeira roupa surgiu porque os homens tinham um “conhecimento frio e fraco do pecado” e, embora não tivessem buscado a solução devida, estavam corretamente (ao menos, até certo ponto) envergonhados. Mesmo assim, Deus, graciosamente, supriu o homem com roupas, e, ao fazê-lo, ensinou-lhe muitas lições, como se evidencia em Gênesis 3.21: *“E fez o Senhor Deus a Adão e à sua mulher túnicas de peles, e os vestiu.”* A Bíblia de Genebra comenta o seguinte sobre Gênesis 3.21: *“A Adão e a sua esposa fez também o Senhor Deus roupas de peles, e os vestiu. Ou, deu-lhes conhecimento para fazerem roupas para si mesmos.”*

Uma lição retirada da provisão de Deus de vestir ao homem e a mulher é que eles estavam certos em ter vergonha por seu pecado, e, da mesma forma, em se vestir como sinal dessa vergonha. Deus deu roupas a eles, o que significa que Ele deve ter aprovado esta atitude, ainda que elas fossem diferentes das que Adão e Eva tinham feito para si.

Outra lição dada diz respeito a qual natureza o traje deveria ter. João Calvino fornece os seguintes comentários com respeito a esse tema:

“21. *E fez o Senhor Deus a Adão e a sua mulher, etc.* Aqui, Moisés, em um estilo simples, declara que o Senhor tinha empreendido o trabalho de fazer roupas de peles para Adão e sua esposa. Não é apropriado entender suas palavras como se Deus tivesse sido um costureiro ou um serviçal que faz roupas. Ao mesmo tempo, não é crível que as peles fossem apresentadas a eles por coincidência; mas, desde que animais foram antes destinados para esse uso, sendo, agora, impelidos por meio de uma nova necessidade, eles matam alguns a fim de cobrir-se com peles, tendo sido divinamente direcionados a adotar esse conselho. Portanto, Moisés chama Deus de o autor da roupa. A razão pela qual o Senhor os vestiu com roupas de pele parece-me ser essa: pois as roupas formadas desse material teriam uma aparência aviltante maior do que essas que são feitas de linho ou de lã. Assim, Deus designa que os nossos primeiros pais deveriam, em tais vestes, observar a sua própria vileza – assim como eles tinham visto antes em sua nudez – e, portanto, deveriam ser lembrados do pecado deles. Entretanto, não deve ser negado que Ele propôs, com isso, um exemplo para nós pelo qual Ele nos incentivava um modo frugal e barato de vestir. E eu gostaria que as pessoas delicadas refletissem sobre isso: que não considerem nenhum ornamento suficientemente atraente, a menos que exceda em magnificência. Não que todo tipo de ornamento seja expressamente condenado, mas porque quando a elegância e o esplendor imoderados são cuidadosamente procurados,

“não só é desprezado o Mestre que pretendia que as roupas fossem um sinal de vergonha, mas também é exercida uma guerra contra a natureza, em certo sentido.”

Portanto, segundo Calvino, o fato de Deus ter permitido, subsequentemente, que os homens se vestissem, é grandeza suficiente. Buscar extravagância excessiva – tal como o adornar-se de joias – é esquecer o propósito para o qual Deus deu roupas aos homens no primeiro momento. É, de certa forma, frustrar o propósito do traje como sendo um sinal de devida vergonha por nosso pecado e nudez. O fato de que à humanidade foi dada peles de animais realça o fato de que a roupa do homem era para ser simples, não chique ou extravagante, e para refletir uma atitude de vergonha e arrependimento pelo pecado. Isso é análogo a forma como Deus realçou que os homens não deveriam fazer imagens dEle por não lhes ter aparecido visivelmente ao dar a Lei (Deuteronômio 4.15,16), ainda que tenha havido outras vezes em que Deus apareceu de forma visível na história (por exemplo, na pessoa de Jesus Cristo).

Testemunha-se que João Batista – o homem que de forma mais significativa chamou os judeus para considerarem sua vergonha e pecaminosidade diante de Deus – vestiu pelos de camelo e um cinto de couro (Mateus 3.4). E Matthew Henry comenta o seguinte sobre as roupas de João Batista:

“Sua roupa era *simples*. Esse mesmo João *tinha suas vestes de pelos de camelo, e um cinto de couro em torno de seus lombos*. Ele não andava com *roupas compridas*,

como os *escribas*, ou *roupas macias*, como um cortesão, mas com roupa de lavrador de campo... João parece mostrar com sua vestimenta:

1) que, como Jacó, ele era um *homem simples* e mortificado para esse mundo, com seus prazeres e alegrias. *Eis aqui um verdadeiro israelita* [João 1.47]! Os que são *humildes de coração* [Mateus 11.29] deveriam mostrar isso por meio de uma santa negligência e indiferença com seus trajes, e não fazer das vestes o seu adorno, nem valorizar outros pelos seus trajes;

2) que ele foi um profeta, pois os profetas, como homens mortificados, se vestiam com *mantos de pelos* (Zacarias 13.4), e, especialmente, mostra que ele era o Elias prometido, pois uma atenção particular é tomada de Elias: que ele foi um *homem peludo* (o que, como alguns pensam, se referia às vestes peludas que vestia) e que tinha *os lombos cingidos de um cinto de couro* (2 Reis 1.8). João Batista não parece inferior a ele na mortificação. Portanto, é este o Elias que havia de vir [Mateus 11.14];

3) que ele foi um homem resoluto. Seu cinto não era *frágil*, como o que tão comumente usado, mas era *forte* – era um *cinto de couro*. É abençoado é aquele servo que, quando o seu Senhor chegar, for achado com seus *lombos cingidos* (Lucas 12.35; 1 Pedro 1.13).”

O mesmo pode ser dito de Jesus, cuja aparência é descrita dessa maneira: “Porque foi subindo como renovo perante ele, e como raiz de uma terra seca; não tinha beleza nem formosura e, olhando nós para ele, não havia boa aparência, para que o desejássemos” (Isaías 53.2). Comentando esse verso, A. R. Faussett apontou o seguinte:

“**e, olhando nós para ele** – está ligado às palavras anteriores: “[Não tinha] nem formosura (atrativo) *para que nós olhássemos para ele* (com prazer)”.

não havia – o estudo das palavras do Novo Testamento a respeito de Sua forma, estatura, cor, etc., mostra que ele foi assim designado para prevenir nossa insistência em buscar Sua beleza corporal ao invés da Sua beleza moral, santidade, amor, e etc. Isso também é um providencial protesto contra o fazer e venerar imagens dEle.”

Embora pareça que Jesus, diferente de João Batista, se vestia com roupa de pano (Mateus 9.16-21), há indícios que elas seriam simples. Elas estavam em contraste com as vestes púrpuras colocadas sobre Jesus para zombarem dEle: “E vestiram-no de púrpura (...) E, havendo-o escarnecido, despiram-lhe a púrpura, e o vestiram com as suas próprias vestes; e o levaram para fora, a fim de o crucificarem” (Marcos 15.17,20). Se “não é o discípulo mais do que o mestre, nem o servo mais do que o seu senhor” [Mateus 10.24], deve-se questionar se é próprio vestir-se de maneira que não seja simples e modesta. O Rei dos Reis, bem

como Príncipe da salvação [Hebreus 2.10], estabeleceu o padrão aos Seus discípulos.

Jesus é o segundo e último Adão, e a própria simplicidade da aparência dEle parece ser uma marca da Nova Criação que Ele estaria introduzindo aos Seus eleitos. Como Jesus bem afirmou: “E, quanto ao vestuário, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam” [Mateus 6.28]. Não é necessário o utilizar-se dos enfeites “elegantes” do mundo para que alguém seja belo, pois a verdadeira beleza é de natureza moral. Isso já era reconhecido nos dias de Salomão, mesmo que tenha tomado uma forma mais consistente no Novo Testamento: “Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa sim será louvada” [Provérbios 31.30].

Deve ser lembrado que, na criação original, a beleza de Adão e Eva era simples e modesta. Eles não tinham que colocar adereços dispendiosos para serem belos, pois a beleza deles consistia em sua inocência e retidão moral. A queda mudou isso, tornando-se fundamental para os homens a busca de adereços custosos para enfatizar a grandeza e beleza, uma vez que eles careciam disso em seu interior. E Deus, enquanto a igreja ainda estava em sua infância, nos tempos do Antigo Testamento, tolerou mais o uso de adereços dispendiosos, assim como tolerou a carta de divórcio e as vestes ornamentadas do sacerdote e do templo. Mas Jesus – começando em Seu primeiro advento – tem preparado a humanidade para um novo céu e nova terra. A igreja amadureceu desde a era do Antigo Testamento e agora está mais perto de seu estado final. Os trajes dos irmãos devem refletir essa realidade. Por um lado, é necessário manter as vestes, como filhos de Adão

que devem cobrir a nudez pecaminosa. O pecado ainda não foi removido. Mas, por outro lado, as roupas devem ser modestas e simples, à medida que tudo se encaminha para a nova criação consumada, em que a pureza moral será adorno e a beleza dos filhos de Deus. Assim como a adoração neotestamentária é mais simples do que quando se estava debaixo da lei cerimonial, as roupas devem ser mais simples. Não há a necessidade de enfeites terrenos, enquanto os crentes se dirigem para a consumação da nova criação.

Retornando, então, a 1 Timóteo 2.8-10, entende-se, agora, melhor porque ele ordena trajes que sejam simples, modestos e reservados. Deve haver uma vergonha apropriada com relação ao pecado, e essa vergonha deve, ainda, ser expressa na maneira como a roupa é usada. Ou seja, ela deve ser simples. Isso remete a Êxodo 33.5,6, momento em que o povo foi ordenado a tirar “os teus atavios” a fim de expressar sua vergonha pelo pecado:

“Porquanto o Senhor tinha dito a Moisés: Dize aos filhos de Israel: És povo de dura cerviz; se por um momento subir no meio de ti, te consumirei; porém agora tira os teus atavios, para que eu saiba o que te hei de fazer. Então os filhos de Israel se despojaram dos seus atavios, ao pé do monte Horebe”

Também deve haver modéstia no traje para que se transmita a humildade e a simplicidade apropriadas para um discípulo de Cristo, e, com isso, se antecipe a consumada nova criação, onde a pureza moral será o verdadeiro adorno. Portanto, o termo “modesto” em 1 Timóteo 2.8-10 não só parece abordar a questão

de estar completamente coberto (em oposição ao estar nu), mas também a questão da singeleza e simplicidade de aparência. Essa exortação é direcionada às mulheres, em particular, pois elas são peculiarmente acostumadas, e se sentem peculiarmente compelidas, a violá-la.

Essa passagem da Escritura, então, fornece exemplos de trajes excessivos, ou extravagantes, para que se possa entender melhor a respeito do que ela trata. Os exemplos incluem “tranças, ou ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos”. Portanto, não é surpreendente quando se lê sobre a Genebra de Calvino em que “nada avermelhado ou ‘maquiagem’, nenhuma joia, nenhuma roupa imodesta” eram legalmente permitidos¹. William Manchester aponta que, entre as coisas proibidas em Genebra, estavam “encenar ou assistir peças teatrais, trajar vermelho, joias, renda, roupas ‘imodestas’, palavrão, apostar, jogar cartas...”. As proibições de vestir vermelho, joias, renda e roupas ‘imodestas’, fluem da mesma doutrina que está sendo aqui discutida, pois modéstia e simplicidade afetam as questões da utilização de joias e maquiagem.

Essa proibição não se limitava a Genebra, como se pode perceber a partir de fontes como as notas presentes na Bíblia de Genebra.

“Vários teólogos protestantes ingleses estabeleceram-se na Genebra de Calvino: Miles Coverdale, John Foxe, Thomas Sampson e William Whittingham. Com a proteção das autoridades civis genebrinas e o suporte de João Calvino e do reformador escocês John

1 - Gene Edwards, *John Calvin Revisited*

Knox, a igreja de Genebra determinou a produção de uma Bíblia Inglesa sem a necessidade da aprovação da Inglaterra ou de Roma – a Bíblia de Genebra. Os tradutores de Genebra produziram um Novo Testamento em inglês revisado em 1557, que foi, essencialmente, uma revisão da edição revisada e corrigida de Tyndale de 1534. Boa parte da obra foi terminada por William Whittingham, cunhado de João Calvino. O Novo Testamento de Genebra apenas saiu da impressão quando se começou o trabalho de revisão da Bíblia inteira, processo que levou mais de dois anos. A nova tradução foi conferida com a obra anterior de Theodoro Beza e com o texto grego. Em 1560, foi publicada uma Bíblia revisada completa, traduzida de acordo com o Hebraico e Grego, conferida com as melhores traduções em diversas línguas e dedicada à rainha Elizabeth I. Depois da morte de Maria, Elizabeth foi coroada rainha em 1558, movendo mais uma vez a Inglaterra ao protestantismo. A Bíblia de Genebra foi finalmente impressa na Inglaterra em 1575, somente depois da morte do arcebispo Matthew Parker, editor da Bíblia do Bispo. Enquanto outras traduções inglesas falharam em capturar os corações do público leitor, a Bíblia de Genebra se tornou popular instantaneamente. Entre 1560 e 1644, apareceram, ao menos, 144 edições.”

Incluso nessa Bíblia estavam comentários de rodapé que revelam muito sobre a teologia reformada e puritana em Genebra,

Inglaterra e Escócia naquele tempo. As notas da Bíblia de Genebra comentam o seguinte sobre 1 Timóteo 2.9:

“1 Timóteo 2.9 – Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos:

Em terceiro lugar, ele ordena às mulheres a aprenderem com silêncio e modéstia nas assembleias públicas, estando vestidas decentemente, sem qualquer abuso ou excesso em seu vestir.”

Portanto, os puritanos da Inglaterra e da América, assim como a Igreja da Escócia (a começar com Knox) proibiam o uso de joias. Os puritanos até mesmo se opuseram ao uso de alianças de casamento, às quais a Igreja Alta Anglicana apoiava, juntamente com as vestimentas para o sacerdócio. A Igreja da Escócia também rejeitou o uso de alianças de casamento. A ala reformada e puritana da reforma protestante buscou simplicidade e modéstia, pois eles corretamente perceberam para que caminho Jesus Cristo estava conduzindo Sua nova criação.

Para que as roupas sejam simples e modestas, deve-se evitar que sejam excessivas como “tranças, ou ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos”. A Escritura oferece um exemplo ilustrativo de uma mulher vestida com aquilo que é o oposto da modéstia e sobriedade em Apocalipse 17.4, quando diz: “E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua fornicação.”

Matthew Henry, ao comentar sobre 1 Timóteo 2.8-10, disse:

“Elas devem ser muito modestas em seus trajes, não sendo afetadas por suntuosidade, exibicionismo ou dispendiosidade (você pode ler a vaidade da mente de uma pessoa na suntuosidade e exibicionismo de seus hábitos), pois elas possuem ornamentos melhores com os quais deveriam *adornar a si mesmas: com boas obras*. Note que as boas obras são ornamentos melhores. Elas são, na visão de Deus, o que tem grande valor. Aqueles que professam piedade devem, em suas roupas, assim como nas demais coisas, agir de acordo com aquilo que professam. Ao invés de investirem seu dinheiro em roupas finas, deveriam investir em obras de piedade e caridade que são chamadas, apropriadamente, de boas obras.”

E João Calvino fornece o seguinte comentário à passagem:

“**9.** *Que do mesmo modo as mulheres.* Como ele ordenou que os homens levantassem mãos puras, então, ele agora prescreve a maneira pela qual as mulheres devem preparar-se para orar corretamente. E parece haver um contraste implícito entre as virtudes que ele recomenda e a santificação externa dos judeus, pois ele insinua que não há qualquer lugar em que, tanto os homens como as mulheres, não possam se achegar a Deus, desde que não sejam excluídos por meio de seus vícios.

Ele pretendia abraçar a oportunidade de corrigir um vício que as mulheres são sempre propensas e que, talvez, tenha abundado especialmente em Éfeso, por ser uma cidade de vasta prosperidade e negócios extensivos. Esse vício é: ansiedade e desejo excessivo de vestir-se suntuosamente. Portanto, ele desejava que suas roupas fossem reguladas pela modéstia e sobriedade, pois luxúria e gasto imoderado surgem a partir de um desejo de exibição, quer pelo orgulho, quer pelo desprezo à castidade. E, conseqüentemente, deve-se deduzir a regra da moderação, pois, uma vez que a vestimenta é um assunto indiferente (como todos os assuntos externos são) é difícil especificar um limite fixo até onde se pode ir. Os magistrados podem, de fato, fazer leis por meio das quais os gastos supérfluos possam ser, em certa medida, restringidos. Porém, os mestres piedosos, cujo trabalho é guiar as consciências, devem sempre ter em vista o objetivo do uso legítimo. Pelo menos isso será estabelecido além de toda controvérsia: que todas as coisas em relação às roupas que não estão de acordo com a modéstia e sobriedade devem ser desaprovadas.

No entanto, é necessário sempre começar com as disposições, pois não haverá castidade onde a devassidão reina; e onde a ambição reina, não haverá modéstia nas vestes exteriores. Porém, deve-se, necessariamente, apontar aquilo que o olho vê,

porque os hipócritas comumente se aproveitam de todos os pretextos que possam achar para chancelar suas perversas disposições. Seria uma grande infâmia negar o quão adequada é a modéstia como ornamento especial e constante das mulheres virtuosas e castas, ou o dever de todos de observar a moderação. Em vão será se desculpar de tudo que é oposto a essas virtudes. E ele censura expressamente certos tipos de excesso, como o cabelo trançado, joias e anéis de ouro. Não que o uso de ouro ou de joias seja expressamente proibido, mas que essas coisas, onde quer que sejam exibidas proeminentemente, normalmente tem na ambição ou na falta de castidade a sua fonte, e trazem com elas outros males que mencionei.

10. *como convém a mulheres.* Pois, sem dúvida, as vestes de uma mulher virtuosa e piedosa devem se diferenciar daquelas que são de uma prostituta. O que ele estabeleceu foram marcas de distinção e, se a piedade deve ser testificada por meio das obras, essa profissão deve também ser visível na castidade e no vestir.”

Alguns têm se confundido ao lerem Calvino, pensando que ele ensinou algo sobre os trajes diferente dos puritanos (da Inglaterra) e dos presbiterianos (da Escócia), assim como pensam que ele fez no tópico do *Shabbath* Cristão. Entretanto, um exame mais próximo de todos os seus escritos e seu endosso às práticas de Genebra, revela que sua posição sobre os trajes, assim como

sobre o *Shabbath* Cristão, é essencialmente a mesma dos puritanos e presbiterianos. Calvino endossou praticamente a mesma proibição legal de joias no vestuário que fora endossada pelos puritanos e presbiterianos. E ele escreveu: “Duas coisas devem ser consideradas no vestir: utilidade e decência, e decência exige moderação e modéstia (...) elegância excessiva e exibicionismo, ou, resumindo, todos os excessos, surgem de uma mente corrompida”. Em essência, essa era a mesma posição que a tomada pelos puritanos e presbiterianos nas Ilhas Britânicas. Como a Bíblia de Genebra – tão importante para entender os puritanos e presbiterianos – diz: “ele ordena às mulheres a aprenderem com silêncio e modéstia nas assembleias públicas, estando vestidas decentemente, sem qualquer abuso ou excesso em seu vestir.”

Calvino procurou ser muito cauteloso para não dar a entender que “o ouro é do demônio” ou que “as pérolas são do demônio”, quando, na verdade, “todas as coisas são lícitas”, se usadas legitimamente. Portanto, ele diferenciava o uso funcional e o uso para ornamentar as roupas (isto é, o “exibicionismo”). Quando Calvino escreveu o seguinte, ele queria simplesmente esclarecer que havia usos legítimos para coisas como ouro, prata e pérolas: “Ele censura expressamente certos tipos de excesso, como o cabelo trançado, jóias e anéis de ouro. *Não que o uso de ouro ou de joias seja expressamente proibido*, mas que *essas coisas, onde quer que sejam exibidas proeminentemente*, normalmente tem na ambição ou na falta de castidade a sua fonte, e trazem com elas outros males que mencionei.” Existe uma ampla variedade de usos lícitos para esses materiais, como a fabricação de moedas, mesa de instrumentos, e etc.

Uma passagem paralela a 1 Timóteo 2.9 é 1 Pedro 3.3. Deus tomou tanto o Apóstolo aos judeus, como o Apóstolo aos gentios para falarem em uniformidade essa questão, para enfatizar que tanto os judeus, como os gentios devem cumprir a doutrina. 1 Pedro 3.3,4 diz: “O enfeite delas não seja o [adorno] exterior, no frisado dos cabelos, no uso de joias de ouro, na compostura dos vestidos; mas [seja] o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus.”

Matthew Henry, perspicazmente, comenta sobre esses versos o seguinte:

“Preferindo os ornamentos da mente ao invés do corpo.

1) Ele estabelece uma regra no que diz respeito às vestes das mulheres religiosas (v.3). Aqui há três tipos de ornamentos proibidos: *frisado dos cabelos*, que era comumente utilizado naqueles tempos por mulheres sensuais; *uso de ouro*, ou ornamentos feitos de *ouro*, como foi utilizado por Rebeca, Ester e outras mulheres religiosas, mas que depois tornou-se o traje principal das meretrizes e de pessoas ímpias; *uso do vestuário*, que não é absolutamente proibido, mas somente quando há muito esmero e alto valor nela. *Primeiro*, perceba que as pessoas religiosas devem cuidar para que todos os seus comportamentos correspondam à sua profissão de cristianismo: *Eles devem ser santos em toda a maneira de viver [1 Pedro 1.15]. Segundo*, o

adornar externamente o corpo é, muitas vezes, sensual e excessivo. Isso ocorre, por exemplo, quando se torna algo imoderado e acima de seu grau e posição no mundo, quando você está orgulhoso e se ensoberbece com isso, quando se veste com o objetivo de seduzir ou tentar a outros, quando suas roupas são muito caras, curiosas ou supérfluas, quando seu estilo é fantástico, imitando a leviandade e vaidade das piores pessoas, e quando elas são imodestas e indecentes. Os trajes de uma prostituta nunca serão como as de uma recatada mãe de família cristã.

2) Ao invés do adorno exterior do corpo, ele dirige as esposas cristãs a colocarem adornos muito mais belos e excelentes (v.4). *Primeiro*, note aqui a parte que deve ser adornada: *o homem encoberto no coração*, isto é, a alma, o encoberto, o homem interior. Cuidem de adornar e embelezar suas almas ao invés de seus corpos. *Segundo*, o ornamento prescrito deve ser, em geral, algo *incorruptível*, que embeleza a alma, ou seja, as graças e as virtudes do Espírito Santo de Deus. Os ornamentos do corpo são destruídos pela traça e perecem conforme o uso, porém, a graça de Deus, quanto mais a utilizarmos, mais belo e brilhante será. Sobretudo, os melhores ornamentos das mulheres cristãs são *um espírito manso e quieto*, e um temperamento de espírito facilmente tratável, sem cólera, orgulho e raiva imoderada, revelando-se em um comportamento tranquilo e obediente aos seus

maridos e famílias. Se o marido for áspero e avesso à religião (que era o caso dessas boas esposas a quem os apóstolos deram essa direção), não há maneira superior para ganhá-lo do que um comportamento prudente. Finalmente, um espírito quieto fará dela uma mulher boa e agradável que, sendo visível aos outros, se torna um desejável ornamento para uma pessoa aos olhos do mundo. *Terceiro*, a excelência da mansidão e da calma é de grande valor, desejável aos olhos dos homens e preciosa aos olhos de Deus.

Aprenda: 1) O cuidado principal de um verdadeiro cristão está no domínio de seu próprio espírito. Onde o trabalho dos hipócritas termina, o trabalho do cristão verdadeiro começa. 2) Os dons do homem interior são os ornamentos principais de um cristão, mas especialmente um espírito sereno, calmo e quieto torna belos e amáveis tanto o homem ou a mulher.”

A Bíblia de Genebra comenta o seguinte nessa passagem:

“1 Pedro 3.3: O enfeite delas não seja o [adorno] exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura dos vestidos;”

Ele condena a satisfação irrestrita e o excesso das mulheres, e apresenta o verdadeiro vestuário, que é precioso diante de Deus, ou seja, aquele que é interior e incorruptível, que consiste em um espírito

manso e quieto.

1 Pedro 3.4: Mas a) o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, b) que é precioso diante de Deus."

Aquele que tem seu lugar fixo no coração, de modo que o homem interior é colocado em oposição ao adorno externo do corpo.

De fato, precioso e estimado por Deus."

E João Calvino comenta:

"3. O enfeite delas. A outra parte da exortação é que as esposas devem se adornar com moderação e modéstia, pois sabemos que elas são, a esse respeito, muito mais curiosas e ambiciosas do que deveriam ser. Portanto, Pedro não procura corrigi-las sem causa em suas vaidades. E, embora ele geralmente reprove adornos suntuosos e caros, ainda assim, ele aponta algumas coisas em particular, que elas não frisassem ou enrolassem seus cabelos – como era geralmente feito com alguns objetos metálicos modelados para isto – nem que de outro modo amoldassem o cabelo segundo a moda, nem tampouco colocassem ouro em torno de sua cabeça, pois são nestas coisas que os excessos aparecem especialmente.

Pode-se perguntar agora se o apóstolo condena

inteiramente o uso de ouro para adornar o corpo. Se alguém insiste em usar essas palavras, pode-se dizer que ele proíbe trajes preciosos não menos do que o ouro, pois ele imediatamente adiciona “*na composição dos vestidos*”, ou, das roupas. No entanto, seria uma restrição imoderada proibir totalmente o bom gosto e a elegância no vestir. Se o material é chamado de suntuoso, o Senhor o criou. Sabemos que a habilidade na arte procedeu dele. Portanto, Pedro não tem a intenção de condenar toda sorte de ornamento, mas o mal da vaidade, a qual as mulheres estão sujeitas. Duas coisas devem ser consideradas nas roupas: utilidade e decência, e o que é decente requer moderação e modéstia. Então, a mulher não poderia ter a vaidade escusada ao se apresentar com seu cabelo trançado e adornado, demonstrando uma exibição extravagante. Podem facilmente ser refutadas aquelas que, contestando, dizem que se vestir dessa ou daquela maneira é algo indiferente, e que todos estão livres para fazer o que desejam, pois, em suma, elegância excessiva e exibicionismo, bem como todos os excessos, surgem de uma mente corrompida. Pois, ambição, orgulho, vaidade no exibir, e todas as coisas desse tipo, não são coisas indiferentes. Portanto, aquelas mentes que foram purificadas de toda vaidade regularão todas as coisas de forma a não exceder a moderação.

4. *Mas o homem encoberto no coração.* Aqui, o contraste

deve ser cuidadosamente observado. Catão, o Velho (234-149 a.C), disse que aqueles que são ansiosamente engajados em adornar o corpo, negligenciam o adornar da mente. Assim, Pedro, para restringir esse desejo nas mulheres, introduz um remédio: que elas devem devotar-se ao cuidado de suas mentes. Pois, a palavra “*coração*”, sem dúvida, significa a alma inteira. E, ao mesmo tempo, ele mostra em que consiste o adorno espiritual das mulheres: *no incorruptível traje de um espírito manso e quieto*. “Incorruptível”, penso eu, é colocado em oposição às coisas que desbotam e desvanecem, que são as que servem para adornar o corpo. Portanto, a versão de Erasmo foge do real significado. Em suma, Pedro quer dizer que o ornamento da alma não é como uma flor desbotada, nem consiste em um esplendor que desvanece, mas é incorruptível. Ao mencionar um *espírito manso e quieto* ele indica o que é próprio, especialmente às mulheres, pois nada as dignificam mais do que um temperamento calmo e tranquilo. Sabemos quão ultrajante é ser uma mulher autoritária e obstinada. Além disso, nada é mais adequado para corrigir a vaidade a qual Pedro se refere do que um espírito manso e quieto.

O que vem a seguir, “*precioso diante de Deus*”, se refere a toda frase anterior, e não somente à palavra “espírito”. O significado, de fato, permanecerá o mesmo, pois, porque as mulheres cuidam tanto de se

adornar, senão para que possam voltar os olhos dos homens para elas mesmas? Mas Pedro, pelo contrário, pede-lhes para serem mais ansiosas pelo que tem grande valor diante de Deus.”

E, finalmente, A. R. Fausset comenta o seguinte:

“3. Literalmente, “à elas não pertence (isto é, como seu ornamento peculiar) o adorno exterior (comum ao gênero que trouxe primeiro, por meio da queda, a necessidade de se cobrir. *Nota*, ver Jamieson Fausset & Brown sobre 1 Pedro 5.5).

Frisado [dos cabelos] – trançado artificial a fim de atrair admiração.

Uso [de jóias de ouro] – literalmente “colocar em volta”, ou seja, na cabeça, como um diadema, no braço, como um bracelete, no dedo, como um anel.

Vestidos – chamativos e caros. “Tenha a vergonha da modéstia em seu rosto, ao invés de tinta, e dignidade moral e discrição, ao invés de ouro e esmeraldas.” - Melissa.”

Claramente, 1 Pedro 3.3 e 4 contrasta dois tipos de ornamentos humanos: o material e o espiritual. E ele declara o valor superior do espiritual sobre o material. Uma analogia pode ser útil no entendimento das implicações que advém deste conceito.

Suponha-se que, em um museu, estejam exibidos, juntamente, o diamante Hope e algumas bijuterias. (O diamante Hope é um grande - 45,52 quilates - e profundo diamante azul, atualmente exposto no Museu de História Natural de Smithsonian, em Washington DC, EUA). Não seria desconcertante que uma coisa de valor tão ínfimo, como as bijuterias, se encontrassem em exposição ao lado de algo de tão grande valor? Mas a diferença de valor entre os ornamentos materiais, como as joias, e os espirituais, como a mansidão, não é ainda maior? Se os homens buscassem pensar corretamente sobre o valor dos ornamentos espirituais com que devem se vestir, eles não seriam tão inclinados a se vestirem com coisas tais como joias.

Há uma variedade de versos no Antigo e Novo Testamentos que tem levado pessoas a rejeitar algumas das conclusões doutrinárias aqui demonstradas. Por exemplo, essas passagens têm levado alguns a crer que, nos dias atuais, não há problema algum com a utilização de joias, uma vez que algumas pessoas piedosas no passado as utilizaram. Porém, estes falham ao perceber o progresso que a igreja deve realizar rumo à Nova Criação. Dentre alguns versos que nos ensinam este necessário progresso, destaca-se Marcos 10.4 e 5: “E eles disseram: Moisés permitiu escrever carta de divórcio e repudiar. E Jesus, respondendo, disse-lhes: Pela dureza dos vossos corações vos deixou ele escrito esse mandamento”. E, em Atos 17.30, a Escritura diz: “Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam”.

Por exemplo, é assim que a Bíblia de Genebra se refere ao caso

de Gênesis 24.22-30:

“E aconteceu que, acabando os camelos de beber, tomou o homem um pendente de ouro de meio siclo de peso, e duas pulseiras para as suas mãos, do peso de dez ciclos de ouro [...] e aconteceu que, quando ele viu o pendente, e as pulseiras sobre as mãos de sua irmã, e quando ouviu as palavras de sua irmã Rebeca, que dizia: Assim me falou aquele homem; foi ter com o homem, que estava em pé junto aos camelos, à fonte, (...).

Deus permitiu muitas coisas, tanto em vestuário, como em outras coisas, que agora são proibidas, especialmente quando não se adequam ao nosso estado de humilhação.”

João Calvino fala o seguinte em seu comentário referente à mesma passagem:

“Ele adornar a donzela com ornamentos preciosos é um sinal de sua confiança. Pois, é evidente, por meio de tantas provas, que ele foi um servo honesto e cuidadoso, e não iria jogar fora os tesouros de seu mestre sem critério. Portanto, ele sabe que esses presentes não serão desperdiçados, ou, ao menos, confiando na bondade de Deus, ele lhes dá, pela fé, como um penhor do futuro casamento. Entretanto, pode ser questionado se Deus aprova ornamentos pomposos

desse tipo que não pertençam tanto ao que é útil. Eu respondo que as coisas relatadas na Escritura não são sempre próprias para se imitar. Tudo o que o Senhor ordena em termos gerais deve ser levado em conta como uma regra de conduta inflexível, porém, depender de exemplos particulares não é somente perigoso, mas também tolo e absurdo. Agora sabemos quão desprezível a Deus não somente é a pompa e a ambição ao adornar o corpo, mas também toda sorte de luxúria. De modo a libertar o coração da cobiça interior, ele condena esse esplendor desmoderado e excessivo que contenha em si mesmo muitos atrativos ao vício. Onde, de fato, é encontrada uma pura sinceridade de coração debaixo de ornamentos esplêndidos? Certamente, todos reconhecem que essa virtude é rara. Contudo, não nos é proibido expressamente todo tipo de ornamento, mas, porque tudo aquilo que excede o uso frugal de tais coisas é manchado com algum grau de vaidade e, mais especificamente, porque a ambição das mulheres é, nesse ponto, insaciável, não somente deve-se cultivar a moderação, mas até a abstinência tanto quanto for possível. Além disso, a ambição se arrasta silenciosamente, de modo que o leve adorno excessivo de alguém rapidamente leva à desordem. Com relação aos brincos e braceletes de Rebeca, como não duvido que eles eram usados entre os ricos, então a retidão da época permitiu-lhes usar de modo moderado e frugal. Ainda assim, eu não deixo de levar em conta a falha. Entretanto, esses exemplos não nos ajudam

e nem aliviam a nossa culpa, caso, por meio deles, provocarmos e continuamente inflamarmos aquelas paixões depravadas que, mesmo quando todos os incentivos são removidos, são excessivamente difíceis de restringir. As mulheres que desejam brilhar em ouro procuram em Rebeca um pretexto para a sua corrupção. Então, por que, da mesma forma, elas não se amoldam ao mesmo tipo de vida austera e trabalho rústico a que ela se aplicava? Mas, como já disse, elas estão enganadas quando imaginam que os exemplos dos santos podem permiti-las ir contra à lei comum de Deus...”

Quando é feita a menção de Gênesis 24.22-30 por aqueles que sustentam o uso de joias, Gênesis 35.1-5 é, geralmente, esquecido. Nele se encontra a reforma e a purificação dos hebreus. Ela não se constituiu somente de deixar os ídolos, mas também de mudar o vestuário, incluindo a retirada dos brincos. Essa reforma foi, certamente, um preparativo para a reforma do Novo Testamento, que clama por uma cessação completa e duradoura do uso de jóias como parte de uma mais ampla reforma.

Outra passagem que trata deste tema é Tiago 2.1-4. “Meus irmãos, não tenhais a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas. Porque, se no vosso ajuntamento entrar algum homem com anel de ouro no dedo, com trajes preciosos, e entrar também algum pobre com sórdido traje, e atendes para o que traz o traje precioso, e lhe disserdes: Assenta-te tu aqui no lugar de honra, e disserdes ao pobre: Tu, fica aí em pé, ou assenta-se abaixo do meu estrado, porventura não fizestes

distinção entre vós mesmos, e não vos fizestes juízes de maus pensamentos?”. Comentando essa passagem, Calvino apontou:

“Portanto, deixemo-nos lembrar de que o que é condenado é um respeito pelas pessoas de forma tal que o rico é extremamente exaltado e o mal é feito ao pobre, [um respeito] que também demonstra, pelo contexto, de forma clara e segura, as ambições pela honra, e a completa vaidade, [um respeito] que é mostrado aos ricos em detrimento dos pobres. Não há dúvida de que a ambição reina e a vaidade também quando somente as máscaras deste mundo são tomadas em alta estima.”

Não se pode inferir a partir de Tiago 2.1-4 que não há problemas em um homem utilizar joias ornamentais. Ao invés disso, o objetivo do que fora escrito foi admoestar as pessoas para que não bajulassem aqueles que detêm os emblemas mundanos de prosperidade.

Outro caso similar se encontra em Provérbios 25.12: “Como pendentes [ou brincos] de ouro e gargantilhas de ouro fino, assim é o sábio repreensor para o ouvido atento.” Seria errado deduzir a partir dessa passagem que se deve utilizar brincos de ouro. Esse provérbio está somente tomando emprestada a ideia de que os ornamentos e brincos de ouro são preciosos, e, portanto, eles simbolizam aquilo que é precioso. E o objetivo desta obra não é negar seu valor simbólico, apenas afirmar que sua utilidade no vestuário para esse propósito passou.

Em Lucas 15.22, é possível encontrar um caso similar como

parte de uma parábola: “Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa; e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés”. Calvino afirma o seguinte sobre esse verso:

“**22.** *Trazei depressa a melhor roupa.* Embora nas parábolas (como temos frequentemente observado) fosse inútil se concentrar em cada detalhe que apareça a cada minuto, ainda assim, não traria problemas ao significado literal se dissermos que o nosso Pai celestial não somente perdoa os nossos pecados de modo a enterrar a lembrança de cada um deles, como também nos restaura os presentes dos quais estivemos privados. Por outro lado, ao tirá-los de nós, Ele castiga a nossa ingratidão de modo a nos sentirmos envergonhados com reprovação e desgraça da nossa nudez.”

As parábolas são típicas histórias terrenas com significado divino. O pai, na parábola, representa Deus, o Pai Celestial, enquanto o filho pródigo, os pecadores salvos. As roupas e o anel luxuoso, adequadamente, significam as graças e bênçãos preciosas que serão derramadas sobre os eleitos no novo céu e nova terra. Não é cabível pensar que tais bugigangas, como uma roupa e um anel, seriam as principais bênçãos do futuro, nem que se deve, agora, trabalhar para usar tais bugigangas carnis aqui na terra.

Portanto, deveria ser suficientemente óbvio que Cristo não

está recomendando aos cristãos o uso de anéis ou danças festivas simplesmente porque esses elementos estão presentes nessa parábola. Eles não estão lá porque são necessariamente recomendados, mas porque são comumente presentes na sociedade humana. Cristo apresentava tópicos espirituais a partir de histórias da experiência humana cotidiana. Ele fez isso em outras parábolas também, tal como a que diz respeito ao juiz iníquo, apresentada poucos capítulos após a referida anteriormente. Como João Calvino afirma:

“O principal objetivo dessa parábola [do juiz iníquo] é mostrar que devemos tratar gentil e generosamente o nosso próximo; para, quando nos achegarmos ao tribunal de Deus, podermos colher o fruto da nossa liberalidade. Embora a parábola pareça ser dura e rebuscada, ainda assim a conclusão torna evidente que o propósito de Cristo não era nada além daquilo que afirmei. E, por isso, vemos que procurar com minúcia em cada partícula de uma parábola é um modo absurdo de filosofar. Cristo não nos aconselha a comprar por meio de largas doações o perdão da fraude, da extorsão, dos gastos desnecessários e de outros crimes associados com uma administração desonesta”.

É melhor tomarmos cuidado, portanto, para não permitir que os elementos de uma parábola sirvam como justificativa para um comportamento proibido em outro ponto da Escritura.

Outra passagem que tem relação com esta questão é Ezequiel

16.12: “E te pus um pendente na testa, e brincos nas orelhas, e uma coroa de glória na cabeça”.

A Bíblia de Genebra comenta nesse verso: “Através disso Ele mostra como salvou Sua Igreja, a enriqueceu e deu-lhe poder e domínio para reinar”. Temos novamente um caso de uso de linguagem simbólica. Este verso, portanto, não dá aval ao uso de tais trajes ornamentais, mas, ao invés disso, utiliza de um significado comum para um tópico espiritual.

Também é instrutivo considerar outras passagens do Antigo Testamento, como Isaías 3.17-23 e Oséias 2.12-14.

Isaías 3.17-23 diz:

“Portanto o Senhor fará tihoso o alto da cabeça das filhas de Sião, e o Senhor porá a descoberto a sua nudez, Naquele dia tirará o Senhor os ornamentos dos pés, e as toucas, e adornos em forma de lua, Os pendentes, e os braceletes, as estolas, Os gorros, e os ornamentos das pernas, e os cintos e as caixinhas de perfumes, e os brincos, Os anéis, e as joias do nariz, Os vestidos de festa, e os mantos, e os xales, e as bolsas. Os espelhos, e o linho finíssimo, e os turbantes, e os véus”.

A Bíblia de Genebra comenta sobre esse verso: “Ao recitar todas essas coisas especificamente, Ele mostra a frivolidade e a vaidade daqueles que não se contentam com um traje decente conforme a sua posição social”.

Oséias 2.12-14 diz:

“E devastarei a sua vide e a sua figueira, de que ela diz: É esta a minha paga que me deram os meus amantes; eu, pois, farei delas um bosque, e as feras do campo as devorarão. Castigá-la-ei pelos dias dos Baalins, nos quais lhes queimou incenso, e se adornou dos seus pendentes e das suas joias, e andou atrás de seus amantes, mas de mim se esqueceu, diz o SENHOR. Portanto, eis que eu a atrairei, e a levarei para o deserto, e lhe falarei ao coração”.

A Bíblia de Genebra diz a respeito desse verso: “Ao mostrar como as prostitutas arranjam a si mesmas para agradar a outros, Ele declara como os idólatras supersticiosos estabelecem grande parte da sua religião em adornar a si mesmos nos seus dias santos”.

Juízes 8.24 diz: “E disse-lhes mais Gideão: Uma petição vos farei: Dá-me, cada um de vós, os pendentes do seu despojo (porque tinham pendentes de ouro, porquanto eram ismaelitas)”. Dessa passagem é possível deduzir que o uso de joias de ouro como pendentes [ou brincos] era especificamente associado aos pagãos Ismaelitas, em contraste com o povo de Deus.

Uma objeção comum a aquilo que tem sido dito neste artigo é que as joias são boas, caso possuam uma função específica (como, por exemplo, distinguir macho e fêmea, distinguir alguém casado e solteiro, etc.). Primeiro, deve-se notar que utilizá-las para a distinção entre macho e fêmea é mais justificável do que para se distinguir alguém casado e solteiro. Na verdade, há um princípio na bíblia de que os trajes do homem e da mulher

devem ser diferentes, ao passo que não há tal princípio que preveja que as pessoas solteiras e casadas devam ter trajes diferentes. Porém, na verdade, o uso de joias no vestir, mesmo que para distinguir macho e fêmea, é bíblicamente injustificável. Quando os costumes contradizem os princípios da Escritura, os princípios da Escritura suplantam os costumes. Joias, tatuagens, etc. são meios inapropriados para distinguir estado civil, gênero, etc. Se for trilhado o caminho de justificar tal ornamentação no vestir dizendo que serve para essa função, seria possível imaginar uma ilha em que mulheres ou pessoas casadas são distinguidas por usarem um anel em cada dedo, um brinco, dez colares de ouro, uma tatuagem no braço, caras pintadas, etc. Esses costumes devem permanecer porque os ornamentos possuem uma função? A função realmente justifica o uso como ornamentação? Não. Utilizando outra analogia, seria impróprio para uma sociedade o distinguir pessoas casadas das não casadas pela não utilização em público de roupas por parte das casadas, enquanto as solteiras as utilizassem. Esse costume contraria o princípio geral da Escritura de que as pessoas não devem andar nuas em público. Portanto, quando um princípio bíblico proíbe algo (no caso deste artigo, o utilizar joias ornamentais, como indicado em passagens como 1 Timóteo 2.9, etc.), um fim (nesse caso, a distinção social entre casados e não casados) não pode justificar os meios (tal como a utilização de anéis no dedo).

Outra objeção comum é a de que Deus é indiferente quanto à natureza da nossa aparência, conseqüentemente, aqueles que advogam posições como as desse artigo são considerados legalistas injustificados. Essa objeção falha em considerar tantas diretivas relacionadas ao vestir, como em Sofonias 1.8, onde Deus

fala a respeito dos trajes: “Acontecerá que, no dia do sacrifício do Senhor, castigarei os príncipes, e os filhos do rei, e todos os que se vestem de trajes estrangeiros.”

Ainda outra objeção é de que Deus não usaria as joias como símbolo daquilo que é bom se Ele proibisse o seu uso. Essa objeção é desmantelada com a observação da utilização que o Senhor faz de elementos de culto, como o incenso, como símbolo daquilo que é bom, mesmo que o incenso seja proibido como elemento na adoração do Novo Testamento (por exemplo, veja Apocalipse 8.3,4: “E veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono. E a fumaça do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus.”).

Outra objeção é a que um homem com anel de ouro é descrito em Tiago 2.2 e a utilização do anel não é explicitamente condenada. Isso é verdade, porém, aparentemente, não foi esse o foco da instrução de Tiago, mas sim “se você venera as pessoas, você comete pecado”. Então, é errado basear-se nessa passagem para definir algo sobre o tópico de vestes especificamente.

Outra réplica comum é apontar inconsistências percebidas ou reais em quem advoga a posição do não uso de joias, tal como outras extravagâncias percebidas no traje. Essa réplica falha constantemente por uma ou duas razões. Primeiro, mesmo se as inconsistências percebidas forem, de fato, reais, isso não refuta a posição do não uso de joias. No máximo, o argumento simplesmente prova outras áreas nas quais é necessário maior restrição. Segundo, citando Calvino novamente, Deus, em passagens como 1 Timóteo 2.9, “censura expressamente certos tipos de excesso,

como o cabelo trançado, joias e anéis de ouro”. É necessário se guardar nos julgamentos em relação aos outros em áreas que não há censura expressa nas Escrituras, para que não se condene injustamente quem é inocente.

Finalmente, alguns dizem que passagens como 1 Timóteo 2.9 estão realmente proibindo o uso excessivo de joias, mas não o uso de qualquer joia. O problema dessa interpretação é que a passagem não diz “uso excessivo”, nem as outras referências fornecem qualquer coisa que leve ao “uso excessivo”. Não surpreendentemente, aquelas igrejas que interpretam a passagem como proibindo o “uso excessivo” de joias, geralmente não regulam o uso de joias entre seus membros comungantes em nível algum.

II

SOBRE JOIAS E TRAJES AO LONGO DA HISTÓRIA

Cabe, agora, esboçar como a Igreja Cristã abordou essa questão ao longo de sua história.¹

Como já foi apontado, a modéstia e a simplicidade nos trajes eram ordenadas como regra geral na época apostólica, e o uso de joias ornamentais era expressamente proibido. Isso intensificou o conflito existente entre a cultura cristã e a greco-romana, conflito esse que existia previamente devido a assuntos como teatro e peças.

A igreja primitiva manteve a regra apostólica. Observe os escritos do tempo de quatro pais da igreja – Cipriano, Clemente de Alexandria, Tertuliano e Agostinho – e também as *Constituições Apostólicas*.

Um dos principais homens da igreja primitiva foi Cipriano, bispo de Cartago, martirizado por sua fé em Jesus no ano 258. A seguinte citação é um relato tocante de sua conversão e de sua

1 - Uma grande parte do material utilizado neste esboço da História da Igreja se encontra nos seguintes websites:

http://www2.andrews.edu/~samuele/books/christian_dress/4.html

<http://www.timesonline.co.uk/article/0,,641-613916,00.html> , <http://history.wisc.edu/sommerville/361/361-17.htm> <http://www.bible.ca/history/eubanks/history-eubanks-35.htm>

nova vida em Cristo, que fornece uma declaração contundente sobre a sua visão e a da Igreja Cristã de seu tempo a respeito dos trajes:

“Enquanto estive deitado na escuridão e na noite sombria, vacilando de um lado para o outro, jogado sobre a espuma dessa época orgulhosa e incerto de meus passos errantes, sabendo nada da minha vida real e distante da verdade e da luz, eu costumava considerar como uma difícil matéria, e, especialmente, como uma dificuldade em relação ao meu caráter na época, que um homem fosse capaz de nascer de novo – uma verdade que a misericórdia divina anunciara para minha salvação – e que um homem despertado para uma nova vida em uma bacia de azulejo de água salvífica seria habilitado para deixar de lado aquilo que tinha sido anteriormente; e que, embora permaneça toda a sua estrutura corporal, seria ele próprio transformado em seu coração e alma. (...) Quando é que ele aprende a frugalidade que tem sido deixada de lado em banquetes liberais e festas suntuosas? E quando ele, que brilhou em ouro e púrpura e tem sido afamado por seus trajes custosos, passa a se reduzir a um vestir comum e simples? (...)

Porém, antes disso, pela ajuda da água do novo nascimento, as manchas de anos anteriores tinham sido lavadas e uma luz vinda do alto, serena e pura, tinha sido infundida em meu coração reconciliado

- depois que, por meio do agir do Espírito enviado do céu, um segundo nascimento me restaurou em um novo homem - portanto, de uma maneira maravilhosa, coisas que outrora foram duvidosas começaram a se apossar de mim. (...) Aquilo que antes parecia dificultoso começou a se encaixar, aquilo que tinha sido impossível outrora, passou a ser capaz de ser alcançado.”²

Clemente de Alexandria (150-215 d.C.), homem que encabeçou a escola catequética (baptismal) de Alexandria entre 190 a 202, em seu livro *O Verbo como Pedagogo*, foi consideravelmente extenso ao explicar porque as mulheres cristãs não deveriam vestir roupas luxuosas, anéis, brincos ou estilos de cabelo elaborados, nem “esfregar suas faces com instrumentos ilusórios e astuciosos”.

O tratado de Tertuliano, intitulado *A Moda Feminina*, é um vívido ataque à moda romana de seu tempo. Tertuliano encorajava as mulheres cristãs a evitarem formas elaboradas de roupas, joias, penteados e cosméticos. Aqui está um exemplo de citação:

“Não se deve ultrapassar aquele limite no qual um requinte simples e suficiente restrinja seus desejos - aquele limite que agrada a Deus. Pois, aquelas que esfregam suas peles com medicamentos, mancham suas bochechas com vermelho, fazem seus olhos proeminentes com antimônio [“fuligem”] pecam contra Ele. (...) Eu vejo algumas (mulheres)

2 - *The Ante-Nicene Fathers*, Editado por Roberts e Donaldson, Scribner's, 1925, Vol. V, pp. 275f.)

mudarem (a cor de) seu cabelo com açafrão. Elas têm vergonha de sua própria nação, (vergonha) que sua geração não atribuiu a elas à Alemanha ou à Gália: assim, dessa forma, elas transferem seus cabelos (para lá)! Oh! Doença e mais doença elas semeiam para si mesmas com suas cabeças de cor-de-fogo, e pensam ser gracioso (o fato) de elas estarem se manchando! Além disso, a força dos cosméticos incendia seus cabelos e a constante aplicação, mesmo de uma substância não medicamentosa, traz à cabeça um acúmulo de danos. Embora o calor do sol seja tão desejoso para dar ao cabelo crescimento e secura, ele pode ser, também, prejudicial. Qual “adorno” é compatível com o “dano”? Qual “beleza” com “impurezas”? “Deveria uma mulher cristã amontoar açafrão sobre sua cabeça como se fosse um altar? Pois, o que quer que seja queimado para a honra de um espírito imundo – a menos que seja aplicado para usos honestos, necessários e salutares, pelos quais a criatura de Deus foi munida – pode parecer um sacrifício. No entanto, Deus diz que “não podes tornar um cabelo branco ou preto” [Mateus 5.36], e, ainda assim, eles refutam o Senhor! “Espere aí!”, dizem eles, “ao invés de branco ou preto, nós tornamos ele *amarelo*, algo mais elegante”. E esses ainda, como que arrependidos de terem vivido até à velhice, tentam mudar de branco para preto! Oh, que ousadia! A idade que é (em si mesma) o objeto de nossos desejos e orações! Um roubo é cometido! A juventude, onde pecamos, é ainda desejada! A oportunidade de sobriedade é

arruinada! Distante das filhas da Sabedoria, a loucura é tão grande! Quanto mais se tenta esconder a velhice, mais [a loucura] será detectada. Aqui está a [sua] real eternidade, na juventude (perpétua) de sua cabeça! Aqui, tendo em vista a nova casa do Senhor em que a monarquia divina promete, nós temos uma “inocorrupibilidade” para “vestir”. Você faz bem em correr para o Senhor. Você faz bem em se apressar para sair desse mundo iníquo, o qual está se aproximando (de seu) desagradável fim! (...)

Portanto, em primeiro lugar, abençoadas (irmãs), (fiquem atentas) para que não admitam entre vocês o uso de trajes e vestuário de meretriz ou de prostituição. E, em segundo lugar, se há qualquer uma de vocês em que as exigências de riquezas, ou descendência, ou dignidades passadas, as forcem aparecer em público tão belamente arrumadas que não parecem ter alcançado a sabedoria, tenham cuidado de sustentar um mal desse tipo, para que, sob o pretexto de necessidade, não soltem as rédeas deixando de refrear a satisfação da liberdade. Pois, como vocês seriam capazes de cumprir (as exigências de) humildade que a nossa (escola) professa se vocês não mantiverem o prazer de suas riquezas e elegâncias – que tendem tanto à “glória” – dentro dos limites? Pois, sempre foi um costume de glória *se exaltar*, não *se humilhar*. “Porque não deveríamos usar aquilo que é nosso?” Quem nos proibiu? Até o momento (isso

deve estar) de acordo com o apóstolo que nos adverte a “usar deste mundo, como se dele não abusássemos, pois a moda deste mundo é passageira” [1 Coríntios 7.31]; E “a comprar, como se não possuísse” [1 Coríntios 7.30]. Por quê? Por causa da premissa que ele deixou ao dizer: “o tempo se abrevia” [1 Coríntios 7.29]. Portanto, se ele mostra claramente que até mesmo as esposas devem ser tidas [pelos maridos] como se não as tivessem [1 Coríntios 7.29], levando em conta a severidade da época, quais seriam seus sentimentos com relação a esses vãos utensílios?”

E Agostinho escreveu o seguinte:

“Quanto ao uso de pigmentos pelas mulheres para colorir a face, a fim de ter uma aparência corada ou clara, esse é um artifício desonesto que, tenho certeza, até mesmo seus maridos não desejam ser iludidos por ele, e é somente para seus maridos que as mulheres devem ser permitidas, não como prescrição da Escritura, mas somente por tolerância, se adornar. Pois o verdadeiro adorno, especialmente dos homens e das mulheres cristãs, não consiste somente em abster-se de toda pintura que engana na aparência, nem de ornamentos magníficos de ouro ou de trajes suntuosos, mas em uma vida inocente.”³

3 - Carta de Agostinho, número CCXLV, para *Possídio, Meu Mais Amado Senhor e Venerável Irmão e Parceiro no Ofício Sacerdotal, e para os Irmãos que estão com ele, Agostinho e os Irmãos que estão com ele* o saúdam no Senhor

As *Constituições Apostólicas* baniram o uso de todos os anéis de dedo: “Não coloque um anel de ouro em seus dedos, pois todos esses ornamentos são sinais de lascívia tal que, se tu desejares tanto esta coisa indecente, você não estará agindo como um bom homem.”

No entanto, houve uma tendência progressiva à decadência nessa questão. Curiosamente, foi na área dos anéis de casamento que a decadência começou, da mesma forma como aconteceu em uma era posterior da história. Há uma argumentação possível, embora incorreta, que defende que cristãos podem usar tais anéis de casamento em sociedades onde isso é o costume. Porém, o fim de tal posição é pior do que no começo. Uma vez que anéis de algum tipo são permitidos, é logicamente difícil (na verdade impossível) proibir outros anéis de ouro e outras joias, e, finalmente, outras ornamentações e maquiagens. É apenas uma questão de tempo até a lógica tomar seu curso completo.

Provavelmente, por volta do fim do segundo século, alguns, ou até mesmo muitos, cristãos adotaram o costume romano de anéis de casamento. Os anéis de noivado dos primeiros cristãos têm sido encontrados em catacumbas romanas, sepulturas subterrâneas fora da cidade de Roma, em torno do ano 200 d.C. A partir do mesmo período, temos os testemunhos de Tertuliano e Clemente de Alexandria a respeito do uso por cristãos de anel de noivado. Sob a luz dessas evidências arqueológicas e literárias, pode-se presumir que os cristãos adotaram o uso do anel de noivado no final do segundo século. O material mais comum para anel de noivado achado nas catacumbas é de bronze, embora alguns anéis de ferro tenham sobrevivido. “Via de regra, anéis de ouro de cristãos antigos são raros. Isso é esperado, pois o

uso de ornamentos ricos e variados não estava de acordo com o ensino da igreja primitiva.” Contrário à moda pagã de utilizar “anel em quase todas as articulações”, os cristãos primitivos usavam *somente um anel*, o anel conjugal. As alianças de casamento romanas – usada por mulheres – não eram tanto um símbolo de amor, mas um acordo legal obrigatório de propriedade de seus maridos que consideravam os anéis como um sinal de compra. Assim como os egípcios, os romanos acreditavam na *vena amoris*⁴ e, portanto, utilizavam suas alianças no quarto dedo de sua mão esquerda, assim como os americanos fazem hoje. Aparentemente, eles acreditavam que uma veia corria desse dedo diretamente até o coração.

Um *site* escreveu o seguinte acerca deste tema:

“Os antigos anéis romanos eram feitos de ferro. Na Roma antiga, uma aliança de ouro passou a simbolizar *amor* e *comprometimento* eternos no casamento. Os anéis de casamento romanos passaram, então, a ser esculpidos com duas mãos entrelaçadas. Muitos anéis antigos tinham uma chave esculpida através da qual se pensava que uma mulher pudesse abrir o coração de seu marido”.

Aqui estão algumas observações históricas adicionais que são interessantes sobre os costumes romanos vindas de outro *site*:

“Gregos, Etruscos e Romanos refinaram a arte de fazer anéis ornamentais. Entretanto, ao longo do

4 - N.T.: “Veia do amor”

período da República Romana (449-31 a.C.), somente anéis de ferro foram utilizados por muitos cidadãos. Escravos eram proibidos de usar anéis em seus dedos. Essa política de austeridade teve seu fim no início do período imperial (em torno de 31 a.C.). Anéis de ouro, então, apareceram, porém, o direito de usá-los era restrito aos embaixadores, depois passou a ser estendidos aos senadores, cônsules e aos oficiais-chefe do estado.

Diversas leis foram promulgadas durante a Roma Imperial para governar o uso de anéis. Plínio informa que o Imperador Tibério exigiu que aqueles que não eram de descendência livre fossem donos de largas propriedades antes de terem o direito de usar anéis de ouro. O Imperador Severo estendeu o direito de usar anéis de ouro – *jus annuli aurei* – primeiro, aos soldados romanos e, depois, a todos os cidadãos livres. Anéis de prata foram usados por homens libertos, isto é, escravos que se tornaram livres. Anéis de ferro eram usados por escravos. Debaixo do Imperador Justiniano, essas restrições foram abolidas. É interessante notar que durante a Roma Imperial, anéis de ouro, prata e ferro eram usados de acordo com a classe social a que cada um pertencia. O anel, por assim dizer, prendia uma pessoa à sua classe social.

Anéis de dedo “vinculativos”: O uso de um anel para “prender” uma pessoa a uma classe social pode

ter derivado da lendária origem do anel de dedo. Em sua *História Natural*, Plínio nos conta que os anéis primeiro entraram na mitologia grega, quando Prometeu ousou roubar fogo do céu para uso terreno. Por esse crime indecente, Zeus o acorrentou a uma pedra no monte Cáucaso por trinta mil anos. Durante esse tempo, um abutre se alimentava diariamente de seu fígado. Após um esforço de anos sobre as correntes, Prometeu, finalmente, conseguiu quebrá-las, tirando um pedaço da montanha juntamente com elas. Eventualmente, Zeus cedeu e libertou de vez Prometeu das correntes. Contudo, para evitar a violação de seu julgamento original, Prometeu foi ordenado a usar um elo de sua corrente em um dos seus dedos como um anel. No anel foi colocada uma peça da pedra na qual ele esteve acorrentado, como uma lembrança constante de que ele fora confinado à pedra.

Aparentemente, a lenda de Plínio se tornou uma superstição que, eventualmente, evoluiu para um costume. “Quando um escravo romano tinha sua liberdade concedida”, escreve James McCarthy, “ele recebia, junto com uma capa e vestes brancas, um anel de ferro. O escravo tinha sido preso, por assim dizer, por uma corrente de escravidão caucasiana. Quando garantia sua liberdade, ele ainda tinha que usar, como Prometeu usou, um anel de ferro como forma de lembrança. Não lhe era permitido usar um de ouro, pois, naquela época, isso era uma insígnia de cidadania”.

Anel de compromisso: Além de simbolizar a classe social a qual uma pessoa pertencia, os romanos também foram os primeiros a usar anéis de dedo para “vincular” as pessoas aos seus cônjuges. Durante a cerimônia de noivado, o noivo dava um simples anel de ferro para a família da noiva como um símbolo de seu comprometimento e de sua capacidade financeira para sustentá-la. Os casamentos não eram feitos no céu, mas sobre uma mesa de negociação. Originalmente, a cerimônia de noivado era mais elaborada e importante do que o rito de casamento, que era somente um simples cumprimento do compromisso feito no noivado. Foi somente mais tarde na história cristã que o anel passou a fazer parte da cerimônia de casamento.

Em seu livro *How It Began* [Como isto Começou], Paul Berdanier afirma que o uso obrigatório de anel em cerimônias de noivado se desenvolveu a partir de uma antiga prática supersticiosa em que um homem amarrava cordas na cintura, pulsos e tornozelos da mulher que ele havia se apaixonado para se certificar que teria seu espírito sob seu controle. A superstição pagã em torno da origem do anel de noivado romano não impediu cristãos primitivos de adotar seu uso.”

Aquilo que começou simples, na prática, cresceu em larga escala. James McCarthy comentou o seguinte sobre sua perspectiva a respeito da razão desse desenvolvimento:

“O problema com os romanos, assim como com qualquer outro que é apaixonado por alguma coisa, foi que eles começaram a exagerar no uso de anéis. Eles cobriam seus dedos com eles. Alguns até mesmo usavam diferentes anéis para o verão e para o inverno. Eles não tinham moderação, não somente no número de anéis usados, mas também em seu tamanho. Até mesmo no dedo mínimo eram colocados anéis extremamente pesados durante os dias de crepúsculo do império. Anéis no dedão de tamanhos ainda maiores eram colocados. É como se o brilho dos anéis andasse paralelamente com a queda inevitável do império romano”.

McCarthy continua comentando que, apesar das denúncias dos moralistas acerca do uso de tantos anéis por seus compatriotas, “os anéis continuavam a ser usados e Roma continuava a declinar”. Assim como muitos outros costumes romanos pagãos, o uso de joias foi incorporado ao catolicismo romano, até mesmo enquanto a cultura cristã bíblica declinava.

O uso de anéis nas cerimônias de casamento é datado da primeira parte do século IV. Entretanto, a primeira descrição explícita do uso de anéis parece vir de Isidoro de Sevilha, que se tornou arcebispo desta cidade em 595. Ele escreveu:

“O anel é dado pelo esposo à esposa, seja como um sinal de fidelidade mútua ou ainda para aproximar seus corações do juramento realizado, e, portanto, o anel é colocado no quarto dedo, porque é dito que uma determinada veia une o dedo ao coração”.

A crença de que o quarto dedo (contado a partir do dedão) tem uma *vena amoris* – uma veia do amor que flui diretamente até o coração – é, obviamente, pura superstição. O dedo anelar compartilha a mesma conexão com coração que os outros dedos. Apesar dessa origem supersticiosa, o costume de usar anel de casamento no quarto dedo da mão esquerda prevaleceu na maioria dos países cristãos até esse dia.

Conhecendo a atração que os anéis têm exercido sobre os leigos, não surpreende que o clérigo também tenha adotado o uso de anéis. Os anéis eclesiásticos mais famosos são os “anéis episcopais”, que eram conferidos ao bispo recém-eleito, e o “anel do pescador”, usado pelo papa. Esse último tem o seu nome derivado de uma pedra preciosa que carrega uma gravura de Pedro em um barco puxando para cima uma rede de pesca. O anel episcopal, como explica *A Enciclopédia Católica*, “era, estritamente falando, um ornamento episcopal conferido no rito de consagração e era comumente considerado como um emblema do noivado do bispo com a sua igreja”. A fórmula gregoriana, ainda usada no anel entregue, diz: “Receba o anel, isto é, o selo da fé, pelo qual tu, sendo tu mesmo adornado com fé imaculada, podes manter imaculada a honra que prometeu a esposa de Deus, Sua santa Igreja”. A ideia da fidelidade conjugal está presente simbolicamente também nos anéis episcopais.

É digno de nota que a mesma enciclopédia traça a origem do anel episcopal até o anel dourado usado pelos antigos sacerdotes pagãos consagrados a adoração a Júpiter:

“Sabendo como nós que, nos dias pagãos de Roma, todos os *flamen Dialis* (ou seja, os sacerdotes especialmente consagrados a adoração de Júpiter) tinham, como os senadores, o privilégio de usar um anel de ouro, não surpreenderia encontrar evidências de que os anéis eram usados pelos bispos cristãos no quarto século”.

Contudo, a mesma fonte questiona a validade da evidência do quarto século, argumentando que a primeira evidência inconfundível vem de um decreto emitido pelo papa Bonifácio IV em 610, exigindo que os monges fossem elevados à dignidade de usar o anel.

Se referindo aos anéis episcopais, *A Enciclopédia Britânica* diz: “Em muitos casos, uma joia antiga era colocada no anel do bispo e frequentemente era adicionada uma inscrição no molde de ouro da joia para dar um nome cristão a uma figura pagã”. Em outros casos, de acordo com a mesma fonte, nenhuma mudança era feita à gravação pagã e “a joia parecia ter sido meramente considerada como um ornamento sem significado”.

Logo, testemunhamos em tudo isso a tendência corruptora que a igreja sustentou em seus 1260 “anos de deserto”. A corrupção atingiu seu auge durante a Alta Idade Média.

Deus, graciosamente, deu um fim a esses “anos de deserto” durante a reforma protestante, começando com John Wycliffe e

culminando em meados do século XVII. Anteriormente, nesse artigo, mostrou-se como as igrejas reformadas tiveram uma postura forte contra as joias e a favor de roupas simples e modestas. Como observado anteriormente, as joias foram proibidas na Genebra de Calvino. Já foi citado também o que João Calvino disse relativo ao tópico da modéstia, porém algumas citações adicionais serão úteis neste momento.

Calvino observa em seus sermões em 1 Coríntios, o seguinte:

“São Paulo não está se referindo àquilo que pode acontecer em casa, pois, se uma mulher penteia seu cabelo, ela certamente o terá descoberto, mas ela também terá se removido para um lugar de privacidade. Assim, São Paulo não está discutindo o que pode acontecer com indivíduos em casa”.

Calvino observa novamente que “caso uma mulher se apressasse em ajudar um vizinho e ela não tivesse tempo para cobrir a sua cabeça, ela não peca ao ir com sua cabeça descoberta”⁵. Calvino interpreta Paulo como se estivesse dizendo “que as mulheres não deveriam ir a público com suas cabeças descobertas”⁶. Os fatos sugeridos por Calvino deveriam entrar na questão do porque as mulheres deveriam usar a cobertura, inclusive em público:

“Eles [os homens] esqueceram-se da natureza que diz que importa que as mulheres sejam modestas. É

5 - *As Institutas da Religião Cristão, livro IV, cap. 10, Sec. 31*

6 - *As Institutas da Religião Cristão, livro IV, Cap. 10, Sec. 29*

uma bestialidade muito alta quando não há pudor e quando anseiam estar fora de ordem. Esse é o efeito da intenção de Deus ao dizer que os homens não devem vestir trajes de mulheres, nem mulheres devem vestir-se com trajes de homens: que deve haver uma diferença entre os homens e as mulheres, e essa é uma boa razão. E, mesmo que não houvesse uma lei escrita, acaso isto não é ensinado até mesmo pela natureza? E quando Paulo (1 Coríntios 11.5) nos diz que as mulheres devem vir à Igreja com suas cabeças cobertas e não com seu cabelo sobre suas orelhas, ele mostra a mesma coisa. O que diz ele? Temos nós a necessidade de dizer à vocês tais coisas? Pois, se uma mulher fosse questionada, ousaria ela mostrar sua cabeça? Um homem pode muito bem ser corajoso para mostrar sua cabeça nua, embora fosse questionado, e deveria uma mulher fazer o mesmo? Isso seria uma vergonha, todos iriam zombar dela e ela deveria se satisfazer em cobrir a sua cabeça. Agora, uma vez que saibais isso sem qualquer escritura ou palavra escrita, não vedes como Deus mostrou que isso é uma semente de modéstia em vós, para que cada homem tenha respeito por aquilo que é agradável a Ele? Então, deixe-nos indicar aquilo que Deus intentou mostrar a nós: que o traje de cada um deve ser tal que possa haver uma diferença entre homens e mulheres”

Sermão de Calvino em Deuteronômio 22.5-8.

“Os homens não costumam pendurar um sinal em uma taverna, a menos que eles queiram que os homens adentrem para escutá-los. Enquanto isso, as mulheres se enfeitam e aparam para atrair os olhos dos homens a elas e para tê-los parados olhando para si. O que é isso senão exibicionismo? Assim, é como se mantivessem aberta a taverna de seus próprios corpos. É verdade que nem todas elas farão isso, mas este é o fim de seus adornos, e o contrário disto quase não se é encontrado, a não ser que tais belíssimos enfeites e ostentações sempre carregam um cheiro de irreverência com eles, mesmo que, embora nem sempre isso as leve a prostituição. Portanto, nos deixe destacar bem, quando Paulo fala sobre isso – pudor e modéstia –, ao corrigir uma falha, ele remove todas essas superficialidades com que as mulheres são incendiadas, para que elas não as mantenham em nenhuma medida em si mesmas, e assim, isso é arrancado, não de uma vez, mas de pouco em pouco. E, se essa afeição e desejo perversos fossem expurgados, sem dúvida as mulheres se cobririam modestamente e não mais seriam vistas com essas dissimulações. Eis que parece uma mulher como um ídolo pintado e toda a nossa época é cheia de cores. Não há nada a não ser ouro, perucas e cabelos falsos, e coisas semelhantes. Novamente vemos tanta pompa e ostentação que quando uma Diana aparecer, nós poderemos muito bem julgar e pensar que ela estará desafiando todo o pudor, modéstia, honestidade, como uma prostituta excitada, pronta

para dizer sobre essa sabedoria: ‘Eu mostrarei a mim mesma como uma prostituta saborosa. Eu serei impudente e sem vergonha, e mostrarei minha imundície para todo o mundo’. Eu digo que deveríamos não mais ver essas coisas. Caso as mulheres observassem essa regra de modéstia, elas não seriam tão enfeitadas com ouro como são. Elas não teriam suas cabeças descobertas como elas agora têm. Para ser breve, elas não excederiam tanto a medida da beleza, como fazem ao lutarem contra a modéstia e a honestidade que Paulo fala aqui, se tudo isso (como disse) fosse cortado.”

Sermão de Calvino em 1 Timóteo 2.9-11

“Então, dessa forma, se for permitido às mulheres que tenham suas cabeças descobertas e que mostrem seus cabelos, elas seriam, eventualmente, permitidas a exporem inteiramente seus seios e viriam a fazer suas exibições como se fosse uma apresentação de taverna. Elas se tornarão tão descaradas que não haveria mais modéstia e pudor. Em suma, elas esqueceriam o dever da natureza. (...) Assim, quando se permite às mulheres que tirem a cobertura de suas cabeças, alguém dirá: ‘Bem, que mal há em descobrir a barriga também?’. E após isso, alguém irá argumentar mais uma coisa: ‘Se as mulheres estão com as suas cabeças descobertas, porque também não isso ou aquilo?’. Conseqüentemente, os homens, por

sua vez, se perderão também. De forma resumida, a menos que as pessoas se contenham e respeitem aquilo que é próprio e adequado, não restará decência, como alguém que afunda a si mesmo.”

Sermão de Calvino sobre 1 Coríntios 11.2, 3.

A imodéstia foi similarmente condenada pela Igreja da Escócia, pelos puritanos da Inglaterra e da América do Norte, assim como outros.

Os puritanos se opuseram até mesmo ao uso do anel matrimonial, que as Igrejas Anglicanas foram tão relutantes em abandonar. Os puritanos lutaram contra muita oposição na Inglaterra. Um *site* registra o seguinte:

“A rainha Elisabete I, embora protestante, tentou se conduzir por meio de caminho muito moderado. Com isso, muito da forma de organização romana e do sentimento de adoração protestante que era permitido, foi preservado. Portanto, naturalmente havia aqueles que sentiam que Elisabete não era suficientemente agressiva em insistir na causa protestante. Esses queriam purificar a Igreja da Inglaterra de todos os vestígios do catolicismo romano. Por isso, eles eram conhecidos como ‘puritanos’. Dentre as mudanças que eles desejavam fazer estavam a nomeação de pregadores genuinamente protestantes em cada paróquia, a rejeição das vestes clericais (Mateus 23.5,8), o não ajoelhar-se na recepção da Ceia do

Senhor, a abolição do anel de casamento (pois este fora pensado para ser um sinal do matrimônio como um sacramento) e do uso de crucifixos e a observância do shabbath no domingo com a suspensão de todo entretenimento, tais como jogos e danças (Gálatas 4.10; Colossenses 2.16, 17; Atos 20.7; 1 Coríntios 16.1, 2). A burocracia inglesa não estava preparada para tais profundas mudanças e, portanto, baniram aqueles que não se submetiam por meio de prisão ou privação de posições eclesiásticas”.

Mas os puritanos não se arrependeram, pois sabiam que a Palavra de Deus regulava os costumes, e não os costumes a Palavra de Deus.

Os presbiterianos escoceses não eram menos rigorosos a respeito do anel matrimonial do que os puritanos ingleses. De fato, na obra *“The Charge of the Scottish Commissioners Against Canterbury and the Lieutenant of Ireland”* (1641), nas páginas 16 e 17, enquanto eram discutidos os problemas com o “Livro de Oração Comum” que Canterbury tentou impor sobre os escoceses, certos itens são notados por até mesmo os prelados escoceses acharem inaceitáveis. O texto diz:

“A extensa declaração professa que todas as variações do nosso livro (o livro da Inglaterra), que até o rei entendia, seriam melhor obedecidas com o humor escocês do que com aquele humor presente no serviço inglês. Entretanto, essas inovações papistas têm sido dissimuladamente inseridas por ele

[Canterbury], sem o conhecimento dos reis e contra o seu propósito. Os nossos prelados escoceses fazem a petição de que possam ser evitadas das cerimônias inglesas coisas como a cruz no batismo, o anel no casamento, e algumas outras coisas. Entretanto, Canterbury não somente iria manter estas coisas, mas também aumentaria e pioraria aquilo que não faria nada além de conduzir as pessoas ao fogo. Para expressar e descobrir tudo, exigiria um livro inteiro. Nós apenas demos um pequeno toque na questão da comunhão.”

Nessa época, a objeção quanto ao uso do anel de casamento era bastante difundida na Escócia, e não somente os presbiterianos escoceses desaprovavam seu uso, mas até mesmo o partido dos prelados escoceses também reprovava.

Como consequência da reforma protestante, uma grande mudança foi gerada na área dos trajes, assim como em tantas outras áreas da vida e da cultura. Como um *site* descreve:

“Houve uma forte ojeriza contra os anéis de casamento por séculos. Nos primórdios, a Igreja da Escócia não deu suporte para anéis de casamento em sua liturgia e os puritanos nos tempos de Cromwell imaginavam os anéis como relíquias papistas e tentaram abolir seu uso. O costume de usar um anel de casamento continuamente é de origem moderna e algumas noivas no passado recebiam seus anéis das suas mães ou sogras”.

Thomas Taylor é um representante da visão puritana quanto a isso em “*a Glass for Gantlewomen to Dress themselves by*”, publicado no ano de 1633 em Londres. Ele disse:

“Não se deve usar nenhum ornamento ou traje que possa se tornar uma armadilha para nós mesmos ou para os demais. Sim! Há alguns hábitos feitos para atrair e conseguir amantes e para permitir desejos ilícitos. As filhas de *Sara* detestam tais hábitos de prostituição e são cuidadosas para que nada nelas atraia qualquer olho ou coração. Esse esforço não é para evitar somente males aparentes, mas *as aparências do mal*. Tornar nuas algumas partes por meio de nossos hábitos, como muitas fazem, é um perigo de tentação para muitos que assistem. E como está na Lei, aquele que cavou um poço e o deixou descoberto, deve responder no lugar do boi ou pelo animal que caiu nele. Mesmo que sejam animais os que caem no poço da luxúria em tais espetáculos, contudo, elas não são livres por não cobrirem o poço. Nem as livrará da culpa dizer, “mas eu pretendia outra coisa enquanto fazia isso”, pois, se você sabe, isso pode ser uma oportunidade de permitir luxúrias malignas e não de prevenir a oportunidade. Você é digno de culpa nesse pecado! Você encherá um copo de veneno para o espectador, mesmo que não haja ninguém para o beber, diz Crisóstomo.”

E o Diretório de Culto de Westminster diz o seguinte:

“Um Jejum Religioso requer total abstinência, não só de toda comida (a não ser que a fraqueza corporal manifestamente incapacite a pessoa de mantê-la até que o jejum termine, caso em que algo poderá ser tomado, mas com toda moderação, para sustentar o corpo quando prestes a desmaiar) como também de todo trabalho, conversa e pensamento mundanos, e de todos os deleites do corpo (embora em outras horas lícitos), trajes ricos, ornamentos e tais; e muito mais, de qualquer coisa que seja em sua natureza, ou uso, escandaloso e ofensivo, como roupas espalhafatosas, hábitos e gestos lascivos, e outras vaidades de qualquer dos dois sexo, o que recomendamos a todos os Ministros em seus diversos lugares, que diligente e zelosamente reprovem, como em outras ocasiões, assim especialmente num jejum, sem acepção de pessoas, quando houver ocasião.”

A Palavra de Deus se tornou a maior norma durante e por causa da Reforma Protestante.

Até mesmo grupos que eram heréticos – como os metodistas, *quakers*, *amishes* e menonitas –, quanto a matéria de simplicidade nos trajes e oposição às joias, eles estavam em concordância com a posição reformada. John Wesley (1703-1791), por exemplo,

defendia a simplicidade da roupa e o evitar de joias em geral, e anéis em particular. Aqui está como um *site* descreve isso:

“Em seu *Conselho às Pessoas Chamadas Metodistas, com Respeito às Roupas*, ele escreveu: ‘Não use ouro, nem pérolas, ou pedras preciosas... Eu não aconselho que as mulheres usem anéis, brincos e colares’. Wesley foi muito além para sustentar pelas Escrituras a sua posição, citando entre outros versos as Palavras de Pedro: ‘O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de joias de ouro, na compostura dos vestidos; mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus’ (1 Pedro 3.3,4). A pregação de Wesley trouxe resultados. Tanto na Inglaterra como na América, os metodistas vestiam-se como ‘pessoas simples’, sem joias ou anéis. Na conferência organizadora da Igreja Episcopal Metodista em 1784, a pergunta foi feita: ‘deveríamos insistir nas regras com relação às roupas?’. A resposta foi: ‘De todas as formas. Esse não é o momento de encorajar o exibicionismo do traje. Portanto, não dê nenhum bilhete para ninguém até que eles tenham deixado de lado os ornamentos desnecessários... Não isente caso algum, nem mesmo o de uma mulher casada (...) Não admita aqueles que usam anéis’. Bilhetes eram dados para a admissão ao serviço da comunhão. Aqueles que não cumpriam com o alto padrão da igreja não eram admitidos a esse serviço. Tal

política estreita soa sem razão para muitos hoje. Nós devemos entender essa política dentro do contexto social da América do século dezoito, em que a igreja regulava a forma de vida de seus membros. A regra original em relação a roupas e ornamentos tornou-se parte do manual da igreja Metodista conhecido como *Doutrinas e Disciplina da Igreja Metodista* e foi mantida dessa forma até 1852. Os primeiros metodistas levaram a sério as advertências de seu fundador. Eles viveram em um estilo de vida simples, evitando jogos de azar, dança, cosméticos e joias, incluindo anéis.”

Como foi mostrado pelo autor deste artigo em livros como *Thy Kingdom Come (Venha o Teu Reino)* e *Let My People Go (Deixa ir o meu povo)*, a igreja decaiu da elevação espiritual que tinha na Reforma Protestante, assim como os judeus se corromperam algumas gerações depois da sua entrada na terra prometida. A igreja cristã tem novamente se corrompido nessa era moderna de humanismo secular. E, não surpreendentemente, a história tem se repetido no assunto de trajes e joias.

Uma pessoa descreveu isso da seguinte forma:

“Descobrimos que na igreja primitiva o anel conjugal evoluiu através de três etapas principais. Na primeira etapa, no período apostólico, não havia uso de anel conjugal. Na segunda etapa, no segundo e terceiro século, havia um uso restrito de somente um anel simples e barato que servia de sinal para selar

propostas de casamento. Na etapa final, a partir do quarto século em diante, houve uma proliferação de todos os tipos de anéis ornamentais e de joias. Esse padrão – sem anel conjugal na primeira etapa, anel conjugal simples na segunda etapa e todos os tipos de anéis ornamentais e de joias na etapa final – ocorreu na história interna de várias denominações que se afastaram da reforma.”

Uma coisa levou até a outra. Nos Estados Unidos, os puritanos haviam renunciado às alianças de casamento, pois eles consideravam frívolas todas as joias. Mas ao longo da era colonial, os americanos coloniais passaram a trocar dedais de casamento ao invés de anéis, com o argumento de que dedais eram aceitáveis porque tinham utilidade prática. Algumas mulheres ousadas, mas ignorantes, após o casamento, cortavam o fundo do dedal transformando-o em uma aliança de casamento.

Hoje, dificilmente se encontra alguma denominação protestante que proíba o uso do anel conjugal. Na Igreja Metodista dos Estados Unidos, a mudança parece ter ocorrido em 1872. Assim é descrito por alguém:

“A primeira menção do anel conjugal como uma opção em uma cerimônia matrimonial aparece no manual de 1872 da Igreja Metodista, conhecido como *Disciplina*: ‘Se as partes desejarem isso, o homem entregará o anel ao ministro que deverá devolvê-lo e direcioná-lo para que coloque o anel no terceiro dedo da mão esquerda da mulher. E o homem dirá

à mulher repetindo após o ministro: ‘Como este anel eu, teu esposo, dou a você os meus bens terrenos, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.’”

Um ano depois, em 1873, a Igreja Presbiteriana seguiu o exemplo dos metodistas ao mudar o seu manual para permitir o uso de anel na cerimônia de casamento: “*Se eles desejarem usar um anel*, o ministro, tomando o anel, deve entregá-lo ao homem para colocá-lo no quarto dedo da mão esquerda da mulher”. Gradualmente, outras denominações relaxaram seus padrões de vestes e ornamentos permitindo o uso de anéis e joias no geral.

“No final do século dezenove, o uso de anel nas cerimônias de casamento se tornou muito popular na América. Um livro sobre etiqueta publicado em 1881 diz: ‘Todas as igrejas atualmente usam o anel e a motivação para se adequar ao costume e as ideias de seus próprios ritos é variado’. Essa afirmação não é muito exata, pois haviam igrejas que não usavam o anel na cerimônia do casamento (...)”

Então, parece que a Igreja Metodista sustentou o padrão de Wesley quanto aos trajes e ornamentos até 1852, e, depois dessa data, o manual metodista passou a não mais regular os trajes e joias do clérigo ou do povo. O século dezenove testemunhou uma mudança similar em algumas outras denominações americanas, incluindo reformadas e presbiterianas. C.G. M’Crie menciona que a Igreja Presbiteriana Inglesa foi a primeira a “emendar” o Diretório no final do século 19. Ele registra: “A Ordem para a

Solenização do Casamento prevê que um anel seja colocado pelo noivo na mão esquerda da noiva, ‘como sinal e penhor da aliança feita’⁷. Esta declaração estava em contraste com o Diretório original, cuja menção a respeito de anéis conjugais foi claramente omitida. De fato, em “A Ordem e Governo da Igreja da Escócia”, de 1641, um documento que alguns estudiosos consideram como tendo influência sobre o Diretório de Westminster, foi dito: “nem usem qualquer ritos vazios ou cerimônias supersticiosas no momento da solenização”⁸. Então, houve, aparentemente, uma grande mudança na prática com relação a esse assunto entre os séculos 17 e 19 dentre os presbiterianos.

Os homens seguiram as mulheres nessa tolice, assim como Adão seguiu a Eva. Como observa um *site*:

“A prática dos homens de usar anéis de casamento é relativamente nova. Até meados do século vinte, na maioria das vezes, somente as mulheres usavam anéis de casamento, talvez uma lembrança dos dias quando as mulheres eram consideradas propriedades, ou, talvez, um costume inofensivo semelhante ao das mulheres que usavam anéis de noivado e que os maridos não usavam. Quando a Segunda Guerra Mundial estourou e muitos jovens encararam as longas separações de suas mulheres, os homens começaram a usar alianças conjugais como um símbolo de seu casamento e uma lembrança de suas esposas.”

7 - Public Worship of Presbyterian Scotland, p. 437

8 - Ibid., p. 27

Desde meados do século vinte, testemunha-se o surgimento e a proliferação de todo tipo de joias e trajes ornamentais. As pessoas têm colocado anéis em todo tipo de lugares de pouca higiene: no nariz, no umbigo, na língua e até mesmo implantes no globo ocular. Tatuagens estão se tornando cada vez mais popular. Nunca se para no mero traje ornamental, as pessoas estão recorrendo à cirurgia plástica cosmética em números cada vez maiores (plástica de rosto, abdominoplastia, etc.), tudo de forma a se obter uma beleza que é somente superficial, mas com a ausência da beleza moral, que é a que realmente conta. Os costumes papistas têm novamente invadido a igreja e o protestantismo histórico tem declinado. O secularismo está em alta e as roupas são como um barômetro que mede o lamentável estado espiritual dos desejos. Algumas das denominações presbiterianas mais conservadoras têm buscado limitar alguns desses excessos, mas somente algumas, se não muito poucas, dessas possuem a mesma posição que foi mantida durante a reforma.

Em resumo, em 1 Timóteo 2.8-10, lê-se:

“Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda. Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos, mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras.”

As *Constituições Apostólicas*, representando a posição da igreja primitiva nesse tópico, proibiram o uso de todos os anéis de dedo: “Não coloque um anel de ouro em seus dedos, pois todos esses ornamentos são sinais de lascívia tal que, se tu desejares tanto esta coisa indecente, você não estará agindo como um bom homem.” João Calvino, em seu comentário sobre Gênesis 24, escreveu:

“Seu adornar a donzela com ornamentos preciosos é um sinal de sua confiança. Pois, é evidente, por meio de tantas provas, que ele foi um servo honesto e cuidadoso, e não iria jogar fora os tesouros de seu mestre sem critério. Portanto, ele sabe que esses presentes não serão desperdiçados, ou, ao menos, confiando na bondade de Deus, ele lhes dá, pela fé, como um penhor do futuro casamento. Entretanto, pode ser questionado **se Deus aprova ornamentos pomposos desse tipo que não pertençam tanto ao que é útil.** Eu respondo **que as coisas relatadas na Escritura não são sempre próprias para se imitar.** Tudo o que o Senhor ordena em termos gerais deve ser levado em conta como uma regra de conduta inflexível, porém, depender de exemplos particulares não é somente perigoso, mas também tolo e absurdo. Agora sabemos quão desprezível a Deus não somente é a pompa e a ambição ao adornar o corpo, mas também toda sorte de luxúria. De modo a libertar o coração da cobiça interior, ele condena

esse esplendor desmoderado e excessivo que contemha em si mesmo muitos atrativos ao vício. Onde, de fato, é encontrada uma pura sinceridade de coração debaixo de ornamentos esplêndidos? Certamente, todos reconhecem que essa virtude é rara. Contudo, não nos é proibido expressamente todo tipo de ornamento, mas, porque tudo aquilo que excede o uso frugal de tais coisas é manchado com algum grau de vaidade e, mais especificamente, porque a ambição das mulheres é, nesse ponto, insaciável, não somente deve-se cultivar a moderação, mas até a abstinência tanto quanto for possível. Além disso, a ambição se arrasta silenciosamente, de modo que um pouco de imoderação no adornar de alguém rapidamente leva à desordem. **Com relação aos brincos e braceletes de Rebeca, como não duvido que eles eram usados entre os ricos, então a retidão da época permitiu-lhes usar de modo moderado e frugal. Ainda assim, eu não deixo de levar em conta a culpa.** Entretanto, esses exemplos não nos ajudam e nem aliviam a nossa culpa, caso, por meio deles, provocarmos e continuamente inflamarmos aquelas paixões depravadas que, mesmo quando todos os incentivos são removidos, são excessivamente difíceis de restringir. **As mulheres que desejam brilhar em ouro procuram em Rebeca um pretexto para a sua corrupção.** Então, por que, da mesma forma, elas não se amoldam ao mesmo tipo de vida austera e

trabalho rústico a que ela se aplicava? Mas, como já disse, elas estão enganadas quando imaginam que os exemplos dos santos podem permiti-las ir contra à lei comum de Deus...”

Jóias foram proibidas em Genebra de Calvino e os puritanos da Grã-Bretanha as rejeitaram também. Portanto, não devemos desdenhar desse testemunho tão rapidamente.

Essa questão carrega consigo várias implicações eclesiológicas. O relacionamento entre o marido e sua esposa é uma figura do relacionamento entre Cristo e Sua noiva (Efésios 5.25-32; Salmos 45; Cânticos de Salomão). Na criação original, quando o homem era reto e inocente, nem o homem, nem a mulher usavam jóias ou outros trajes ornamentais, pois tais ornamentos artificiais teriam sido contrários a sua retidão: “...não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos, mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras...”. (1 Timóteo 2.9,10). Sendo último [isto é, as boas obras] tão precioso para ser desvalorizado pelo anterior [as vestes do corpo]. “...sendo a fé muito mais preciosa do que o ouro que perece” (1 Pedro 1.7). Seria como diminuir o valor de um vinho caro pelo derramamento de um vinho de baixa qualidade dentro de sua garrafa. Porém, na igreja do Antigo Testamento, Deus tolerou o uso de jóias e ornamentos artificiais, pois a igreja estava em sua infância e imaturidade. Assim, até mesmo esposas piedosas usaram jóias, assim como, de modo similar, a igreja do Antigo Testamento, que elas figuravam, era adornada com ouro e jóias. Esse ornamento eclesiástico do Antigo Testamento era refletido

na arquitetura de suas estruturas (por exemplo: o tabernáculo, o templo de Salomão, etc.), na ornamentação da sua adoração (incenso, candelabros, instrumentos musicais, etc.) e nos trajes de seus ministros (suas vestimentas, por exemplo). Mas, na inauguração do Novo Testamento, joias e outros trajes ornamentais não são mais tolerados nas mulheres (ou nos homens) da Igreja de Cristo (1 Timóteo 2.9,10; 1 Pedro 3.3). A Nova Criação, nesse aspecto específico, é um retorno à condição da criação original. O traje da mulher cristã também reflete o traje da igreja do Novo Testamento que ela figura. A igreja do Novo Testamento deve ser caracterizada pela simplicidade, não pelo adorno de joias e outros ornamentos artificiais. Isso é refletido na arquitetura de seus edifícios, na natureza de sua adoração, nos trajes de seus ministros, etc. A beleza da igreja deve ser a sua retidão e boas obras, não ornamentos artificiais que são uma sombra barata do que é verdadeiramente precioso. Portanto, aqueles que argumentariam em favor do uso de joias para a mulher cristã devem admitir as implicações para a igreja de quem ela é uma figura: isso é lançar a igreja em direção a Igreja de Roma, adornada em ouro e ornamentos artificiais. Mas aqueles que reconhecem a ordem para a simplicidade nos trajes da mulher cristã não devem deixar de reconhecer as implicações para a igreja do Novo Testamento.

Em adição a isso, esse tópico *pode* ter implicações confessionais. O Catecismo Maior de Westminster diz:

“Pergunta 138: Quais são os deveres exigidos no sétimo mandamento?”

Resposta: Os deveres exigidos no sétimo mandamento são: castidade no corpo, mente, afeições, palavras e comportamento; e a preservação dela em nós mesmos e nos outros; a vigilância sobre os olhos e todos os sentidos; a temperança, a conservação da sociedade de pessoas castas, a modéstia no vestuário (1 Timóteo 2.9)..."

1 Timóteo 2.9 afirma: "Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos"

A partir disso, pode-se dizer que, para os puritanos que escreveram os padrões de Westminster talvez a proibição de joias fosse uma aplicação da pergunta 138. A proibição de joias era a política de suas igrejas baseada na interpretação deles de 1 Timóteo 2.9. Isso deveria, ao menos, ser um assunto para mais estudos e de maior interesse para aqueles que subscrevem os padrões de Westminster.

Assim como com todos os mandamentos de Deus, é, realmente, por misericórdia que Deus ordena que o nosso traje seja modesto, sóbrio, simples e singelo. Isso liberta o homem desse anseio de acrescentar mais e mais ornamentos artificiais. *Piercings*, tatuagens e etc. se tornaram um consumo doentio. Todas essas coisas se tornaram escravidão. Quanta bondade há em Deus ao dizer-lhes: "Olhai para os lírios do campo..." [Mateus 6.28].

